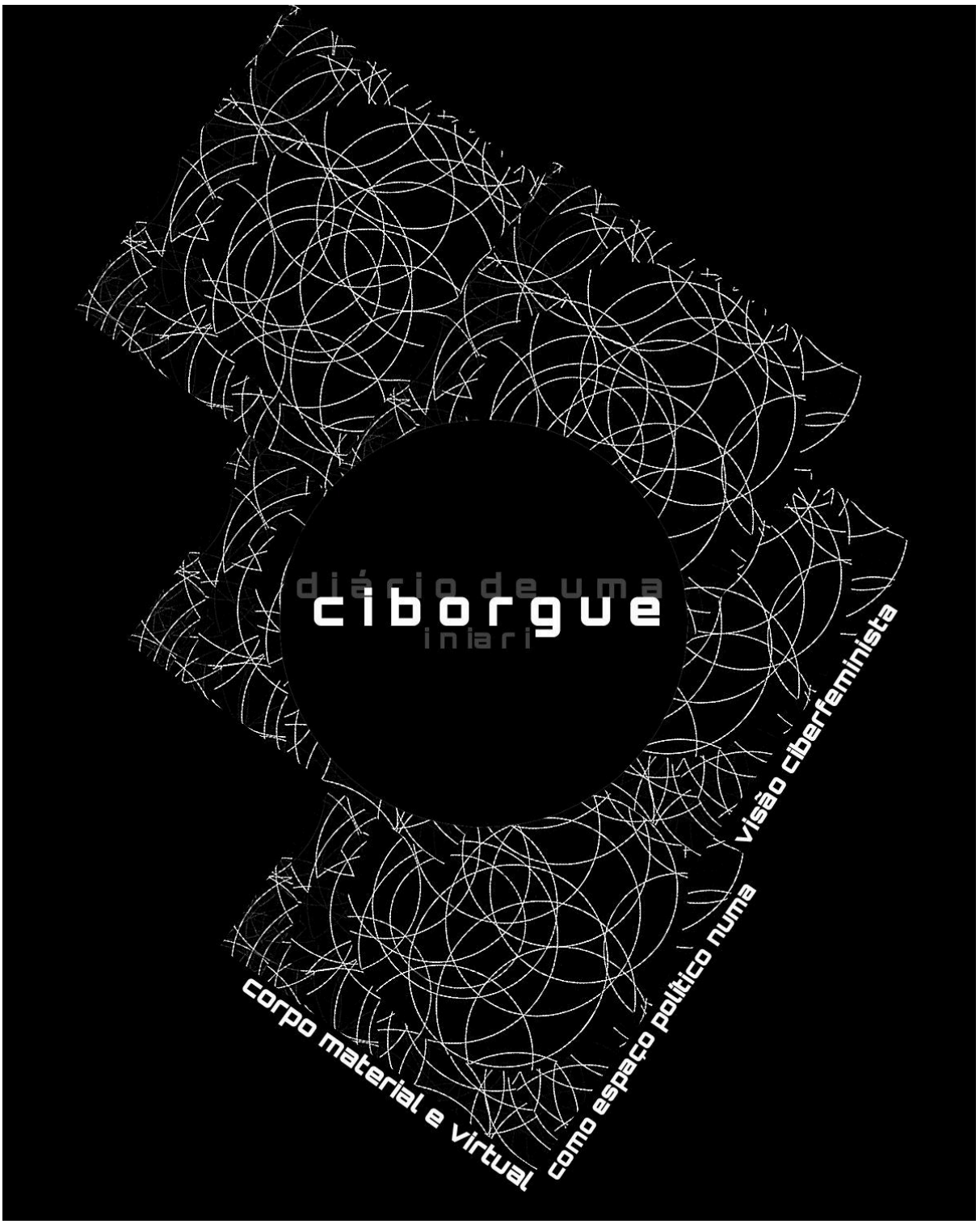
diário de uma
ciborgue
iniari
corpo material e virtual
como espaço político numa
visão ciberfeminista

Diário de uma ciborgue

O corpo virtual e material como espaço político numa visão ciberfeminista

Dedicado àqueles que acharam a si no processo de tornar-se o que deseja e não em seguir o que te designaram a ser. Por uma humanidade dos não-humanos. Por um pós-humanismo dos de baixo.

Escrito por Iniari

(@Cami_ini)

O ciberespaço se provou como extremamente estratégico para o presente e o futuro. Precisamos aprender a construí-lo ou se não seremos construídos por ele.

Capa feita por @sonodogmatico

Introdução: Ninguém nasce humano, torna-se humano

"Como um grande número de teóricos radicais - de Brecht a Foucault e Badiou - já sustentaram, a política emancipatória precisa sempre destruir a aparência de uma ordem natural"

- Realismo capitalista, Mark Fisher

"A sociedade de classes, nossa segunda natureza, torna-se tão natural que a própria natureza passa a ser representada em seus termos. A classe é representada como o que é natural; [...] Somente a recuperação da história da sociedade de classes, como transformação da natureza em segunda natureza, na imagem da competição mercantilizada, torna possível uma recuperação da natureza da natureza."

- Manifesto Hacker, Mckenzie Wark

Quando Simone de Beauvoir cindiu a compreensão sobre gênero de uma compreensão naturalista para uma compreensão social, se fez um dos maiores marcos no entendimento de como nos relacionamos com nossos corpos no ocidente. A grande revolução feita na frase "Não se nasce mulher, torna-se mulher" não foi somente em demonstrar que ser mulher é um produto social. A disrupção da frase está no fato de questionar algo que até então considerávamos natural e colocá-lo no campo do produto das relações sociais.

Negar o natural como natural é uma das maiores afrontas que se pode fazer ao poder. O natural é o postulado base de todo e qualquer sistema de produção e reprodução da vida humana, é de onde se diz ou enuncia partir aquilo que se acredita ser o imutável, o intransponível, o invariável.

Hoje, muitas pessoas justificam a nossa sociedade distópica com base na natureza humana: ganância, egoísmo, incapacidade de construir redes de apoio e comunidades complexas. Diz-se que ser humano é incompatível com um mundo diferente desta distopia que vivemos. Parece-me então, que estamos diante de uma situação que, assim como Beauvoir, **precisamos negar novamente a nossa natureza.**

O que é ser humano? O que é não ser humano? O que é ser humano e não humano ao mesmo tempo? O conceito de humanidade se materializa de formas diferentes a depender do corpo que enuncia a humanidade. Quando se fala da história da humanidade, a narrativa de todos os corpos estão incluídos? Como cada um é atuante nela? Quando se fala de direitos humanos, eles são acessíveis a todos os corpos? Quando se fala num evento de esportes mundial da humanidade, como olimpíadas, todos os corpos podem participar? Quando se fala da destruição do meio ambiente pela humanidade, isso é feito por toda a humanidade ou por uma minoria gananciosa que possui o poder para articular as tecnologias que destroem esse meio ambiente?

'Ser humano' busca ser uma categoria que comporta todas as formas de existência. Porém, quanto mais se reflete sobre o conceito de humanidade, encontramos corpos que não são incluídos na narrativa que pretende ser a narrativa de todos. Pessoas trans, pessoas com deficiências, pessoas pretas, imigrantes são alguns exemplos de corpos que são tratados, a

depender do contexto, como um outro, como uma externalidade às narrativas sobre humanidade, são corpos constantemente desumanizados. Ao mesmo tempo, o conceito de humanidade parece ser evocado como um universal para se contrapor às narrativas dessas particularidades quando estas se manifestam para demonstrar as desigualdades que esses corpos vivenciam no mundo capitalista. Esses exemplos se materializam com o “Human lives matters” ou “All lives matters” para se contrapor ao “Black lives matters”, ou na biologização do conceito de gênero, contrapondo pessoas trans a uma biologia humana, ou na biopsicopatologização de funcionamentos e comportamentos das mentes que não se portam como é esperado da idealização do comportamento humano esperado, o normativo.

Quero discutir, portanto, o conceito de tornar-se humano, da produção dessa segunda natureza que assume o lugar de natureza em nossa sociedade. Se a categoria humanidade pretende contemplar todas as possíveis formas de existir, mas, contraditoriamente, ela exclui formas de existir em sua definição incompleta e enviesada, então precisamos repensar nossa humanidade. Pela perspectiva oposta, quero falar sobre o tornar-se não-humano. Ou melhor, falar de um corpo dissidente desta humanidade. A fabricação da não-humanidade, ou da terceira natureza, uma outra humanidade, uma transhumanidade, pós-humanidade. Se é possível tornar-se não humano, como demonstrou-se que não se nasce mulher mas torna-se mulher, então também demonstraremos que **não se nasce humano e sim torna-se humano.**

Quero centralizar o conceito de humanidade como um dispositivo de poder para confrontar aqueles que afirmam as bases do sistema por uma natureza humana trágica. Tragédia esta produzida como um produto de relações sociais e não um fatalismo biológico como querem nos fazer crer. Assim nos lembraremos da nossa capacidade de nos modificarmos como sempre fizemos. Quero lembrar o conceito de humanidade vigente como uma contraposição às expressões das denúncias de vivências marginalizadas. Lembrar que esta humanidade é uma construção social produzida pelo poder dominante e que, portanto, **precisamos de uma humanidade das classes exploradas**, para assim termos **uma humanidade que se contraponha ao humano tragicamente capitalista da classe dominante**.

Para isso, irei utilizar um diário de uma vivência que mexe nas fronteiras daquilo que dá forma ao que é usado para reconhecimento do ser humano: a consciência e o corpo. O diário é um compilado de reflexões pessoais sobre marcos vividos, enquanto o ciborgue é um híbrido resultante da fusão do natural e das tecnologias que o produz materializando isso em seu corpo e consciência. Decidi escrever e refletir sobre um diário da minha existência, consciente de ser produto das tecnologias que me constituem somadas àquilo que ainda é concebido como natural. Um resultado de um **corpo dissidente**, que pretende construir-se como um corpo não-humano, um corpo que hackeia as premissas do que o dispositivo da “humanidade” trágica pretende nos conceber, se apropriando das tecnologias disponíveis do cybercapitalismo para transgenerificar-se e transhumanizar-se.

Precisamos fazer ecoar as vozes dos corpos não-humanos, dos corpos que estão fora das narrativas, que saem das lógicas das relações trágicas estabelecidas como inerentemente humanas e naturais na sociedade cybercapitalista, **precisamos ecoar a epistemologia ciborgue evocada por Donna Haraway**. Precisamos falar das tecnologias que nos produzem e também de seus potenciais como novas tecnologias de generificação e de transhumanização para romper com o sistema de dominação. Na medida que nos

conscientizamos de que somos produtos tecnológicos, nos apropriamos desses processos e assim podemos criar novas formas de existir. É para isso que escrevo este livro.

Este é o diário de uma ciborgue.

Origem

"No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política."

- Donna haraway, Manifesto ciborgue

Tornando-se humana

Atenção, uma nova criança está nascendo. Iniciando procedimentos padrões.

Passo 1: Atribuir gênero
Passo 2: Reconhecer diferenças de cor
Passo 3: Identificar características físicas inadequadas para a produção e reprodução

Quando nasci, assim como você, uma das primeiras marcas que me deram foi meu gênero. Atribuíram uma gama de expectativas e símbolos sociais ao meu corpo baseado no dado de qual genital eu tinha no momento do meu nascimento.

A generificação constitue um dos primeiros dispositivos e abstração na construção da humanidade, ou melhor, da naturalização das relacões que nos farão internalizar como naturalmente humanas através do discurso do "sexo biológico". Não se conhece - em nossa sociedade - uma criança que tenha nascido sem gênero ou sem nome, nem sem raça, ou sem uma avaliação das suas capacidades produtivas baseada em seu corpo físico, avaliado pela presença ou ausência de membros corporais esperados, ou da sua capacidade reprodutiva, validada pela presença e aparência dos órgãos sexuais do recém nascido.

Todas essas avaliações foram feitas sob o meu e o seu corpo no nascimento. Se teu corpo é de cor, você será racializado como tal, se teu corpo tem diferenças físicas, será reconhecido como com uma deficiência, se a genital não está adaptada à lógica binária dos órgãos sexuais, então poderá sofrer uma intervenção médica para adequá-lo às premissas binárias genitalizantes. O procedimento de elaboração do ser humano como conhecemos se inicia desde o dia um de nossa existência através de avaliações médicas de nossos corpos.

Não me recordo das minhas memórias de antes dos 5 anos, então é difícil dizer quais processos me constituíram até ali. Ao mesmo tempo, este momento é crucial para constituir grande parte de como nos moldamos para os anos seguintes.

Portanto, mesmo que não tenha muito que possa trazer do meu diário, quero que perceba que tornar-se humano é marcar em nosso corpo e consciência o processo de naturalização de processos sociais daquilo que a sociedade compreende como características naturais de ser humano: gênero, raça, morfologia e fisiologia ideais e sexualidade. **Sendo a categoria**

‘Humano’ intencionalmente uma abstração que pretende falar a natureza de um grupo de seres vivos, tornar-se humano é naturalizar características sociais como características de espécie e portanto, tê-las, é o mínimo necessário para fazer parte da espécie humana.

Todas essas características nos são atribuídas, projetadas e disciplinadas muito antes de podermos exercer qualquer tipo de autonomia. Nossa primeira socialização, no âmbito familiar, servirá para reforçar essas características e endossá-las. Na mesma lógica, nossas primeiras relações afetivo-familiares são constituídas no binário e monogâmico mãe e pai, marido e esposa. Nossos corpos e mentes também vão sendo marcados por essas lógicas, produtos de como a nossa sociedade se organizou para desenvolver os corpos de crianças até a fase adulta. Os códigos da nossa interface com o mundo vão se formando nas lógicas binárias, que produzirão a nossa linguagem para nos expressar.

Sendo assim, pouco tive escolha sobre os conceitos e lógicas que formataram a minha forma de pensar e ver o mundo inicialmente. Essas lógicas me foram dadas como naturais, como um dado da vida que eu jamais teria controle mas deveria aceitar como minha natureza. Ninguém me ensinou que eu poderia mudar meu gênero, ressignificar minha sexualidade, racializar e ser racializada e modificar minhas características morfológicas e fisiológicas. Há uma intenção social por traz de naturalizar essas coisas e que não saibamos que essas relações podem ser ressignificadas e como elas podem ser transformadas, ou seja, desabstrair esses conceitos, retornando-os aos códigos que os produzem e reabstraí-los de outra forma.

Coompreender e agir sobre qualquer uma dessas premissas tem um resultado social de conflito, podendo resultar em leituras biopatologizantes apenas ao manifestar o desejo de diferenciar-se dessas lógicas naturalizadas como o constitutivo de ser humano. Sendo assim, avançarei para falar como rompi com algumas dessas lógicas, mas não antes sem falar como isso foi possível num mundo em que nossos corpos estão sob constante ataque para curvarem-se e disciplinarizarem-se às premissas do ser humano confinado numa natureza enviesada pela construção do ser humano numa sociedade capitalista.

Tecnologicamente generificada

> *“Os organismos biológicos tornaram-se sistemas bióticos – dispositivos de comunicação como qualquer outro. Não existe, em nosso conhecimento formal, nenhuma separação fundamental, ontológica, entre máquina e organismo, entre técnico e orgânico”*
>
> - Donna Haraway, manifesto ciborgue

Antes de tudo, queria falar sobre o processo mais marcante na minha vivência como pessoa trans e queer: a generificação. Generificar é o processo de atribuir gênero a algo ou alguém. Gênero - em minha perspectiva de leitora da teoria e vivência queer - é **um aparato simbólico que possui um conjunto de signos (símbolos) reconhecíveis por uma sociedade para atribuir uma identificação a partir desses símbolos/signos**. Por exemplo, cores são generificadas no momento em que elas passam a fazer parte simbolicamente de uma determinada identidade. Roupas, comportamentos, linguagem

corporal, tons de voz, cortes de cabelo, características corporais, espaços, genitais e muito mais passaram a ser generificados socialmente no momento em que essas coisas estão sendo simbolicamente ligadas a uma identidade, suas simbologias invocam dentro da cisheteronormatividade uma identificação com o binário feminino ou masculino.

No processo de nos tornarmos humanos, somos todos configurados de forma a sermos generificados. Diferentemente do que se acredita, o gênero e a sexualidade não surgem como uma consequência de uma suposta natureza do ser humano. Ambos surgem como consequência das relações sociais que carregamos até aqui e que, no mundo cybercapitalista tecnopatriarcal - em que as estruturas de poder se apropriam do virtual - tem ganhado formas mais sofisticadas de marcar nossos corpos.

Em meu caso, fui designada, ou melhor, forçada à generificação masculina ao nascer. Por conta da lógica cisheteronormativa, compreendeu-se que a conformidade entre minha genital e minha identidade deveria estar no espectro simbólico masculino. Tornar-me humana significava tornar-me homem.

Quando criança, assim como você, passei pelas **tecnologias de generificação** desenvolvidas pela cisheteronormatividade. Com a finalidade de me submeter ao gênero masculino, colocaram-me roupas que não escolhi, nomes que não escolhi, pronomes que não escolhi, a linguagem para se referir a mim que não escolhi, em espaços que não escolhi, em relações que não escolhi, todas generificadas pela cishumanidade. Não tive escolha, não tive autonomia, fui atacada em nome de ser humana dentro do discurso do "sexo biológico" que jusitificaria a naturalização dos processos de generificação cisheteronormativo sobre mim e meu corpo.

Toda essa complexa rede de relações, roupas, nomes, espaços com gêneros que existem em nosso mundo são tecnologias para produzir-nos a subjetividade desejada pelo sistema cybercapitalista tecnopatriarcal. Todos nós somos produtos disso e a grande contradição do mundo humano é dizer valorizar o natural e naturalizar essas tecnologias e os resultados dela enquanto na verdade o que está sendo feito é altamente tecnológico e não-natural.

Nesse sentido, o conceito de natural humano se apresenta não mais como um ser humano ausente ou isolado de tecnologia em sua subjetividade. Pelo contrário, o "humano", o "natural" é a naturalização dessas tecnologias que produzem o "humano" e "natural", que aqui exemplifiquei em minha vivência na generificação, mas que também ocorre para a racialização, a neurotípicidade e qualquer disciplinarização do corpo e da mente.

Este é o nosso nascimento: Ciborgues humanos, enganados de que somos naturais, quando já somos ciborgues, híbridos de nossas tecnologias e de o que não sabemos mais o que é intrinsecamente humano ou não.

E as outras origens?

"O que importa na luta pela história é expressar seu potencial de ser outro, e torná-la parte dos recursos produtos para a autoconsciência das próprias classes produtivas, inclusive hacker"

- McKenzie Wark, Um Manifesto Hacker

Escrevo este breve capítulo como um convite. McKenzie Wark definiu a história hacker como uma história do presente, uma história das possibilidades retiradas de nós, das potências que estão aprisionadas pelas relações sociais cybercapitalistas. Quanto das nossas potências aprisionamos nesses processos de nos tornarmos a humanidade trágica cybercapitalista?

Escrevo da minha vivência, pois é de onde posso falar, mas sei que muitas outras pessoas estão contidas em seus potenciais pelas limitações impostas pelas tecnologias de generificação, racialização, neurotipicização, ou das limitações impostas pela ausência de tecnologias para irmos além das fronteiras colocadas a nós.

Com as necessidades básicas e não-básicas atendidas, diversos de nós poderíamos ir muito além e usariamos a criatividade para expandir nossas formas de existir. Basta ouvir as pessoas e seus sonhos, desconfortos, desejos, disforias, vontades e dismorfias. É nítido como os sonhos morrem na ausência de recursos para suas necessidades.

Por isso, precisamos escrever sobre as tecnologias que nos fazem e também sobre as que nos faltam, ou as que nos retiram o acesso ou nos proíbem. Precisamos imaginar um mundo que seria possível se as tecnologias - os recursos - não estivessem a serviço das classes dominantes. Assim entenderemos os potenciais que estamos perdendo e despertaremos para começar a produzir e nos reapropriar das tecnologias que nos fazem e farão.

A **Epistemologia ciborgue** consiste em enunciar os sonhos e os desconfortos, entendendo que eles são frutos das restrições das nossas potências manifestadas nos desejos e disforias de construir a si. Restrições causadas pelo modo de produção da vida atual cybercapitalista vetorial tenopatriarcal, o cistema. Como ciborgue, aprendi a usar as tecnologias existentes para me construir, mas, coletivamente, podemos ir além. Podemos não só hackear, podemos ser donos, coletivamente, dos meios de produção da vida, todos podem ser donos do fazer da própria existência. Sendo assim, partimos das tecnologias possíveis na realidade atual, das que nos permitem nos transgenerificar e transhumanizar com suas limitações, daí percebemos seus limites e começamos a pensar em novas formas de produzir existências.

Daqui em diante, pretendo falar sobre as novas tecnologias de generificação e como usei elas para (re)construir minha existência, para, no fim, poder encontrar as novas possibilidades de produzir nossa subjetividade, ou existência, nas relações sociais que hoje compõem o nosso modo de produção de existência.

Internet e a dialética ciborgue

“A escrita-ciborgue tem a ver com o poder de sobreviver, não com base em uma inocência original, mas com base na tomada de posse dos mesmos instrumentos para marcar o mundo que as marcou como outras.”

- Donna Haraway, Manifesto ciborgue

Antes de falar sobre minha experiência na internet, acho importante dar uma breve introdução sobre a dialética ciborgue, ou seja, o movimento contraditório que nos possibilita conscientizar-nos do nosso corpo como um espaço político.

É preciso tornar-se humano antes de deixar de sê-lo, num processo de abstração como humano, desabstração desse conceito e reabstração numa outra coisa.

A desidentificação com a humanização, ou seja, o processo de não se reconhecer como um humano, que quer dizer, reconhecer-se não fazendo mais parte das premissas tidas como naturais no que nos define como ser humano na ideologia do Realismo Capitalista passa pela possibilidade de ser materialmente capaz de romper com as premissas que nos tornam humano.

Essa possibilidade é mais nítida na medida em que nos ciborguificamos. Quanto mais tecnológicos, menos as premissas humanas, ou seja, as premissas tecnologicamente naturalizadas fazem sentido para nossa consciência. Na **dialética ciborgue**, o que está em oposição é a natureza e a tecnologia, ao mesmo tempo que a fronteira entre ambos não existe. Em outras palavras, enquanto a natureza é construída tecnologicamente e se afirma como 'natural', a própria humanidade torna-se cada vez mais tecnológica e assim a fronteira com a tecnologia vai se dissolvendo, produzindo uma natureza tecnológica assim como uma tecnologia natural.

A **tecnologia natural** são as forças intituladas pelo poder como 'naturais' ou 'natureza humana' mas que são tecnologicamente produzidas através de rituais, espaços, sistemas simbólicos e relações sociais mediadas por seres humanos e, portanto, fruto do trabalho humano - trabalho no sentido de interação e transformação dos espaços, dos objetos e da natureza -, cristalizando-se em técnicas ou melhor, tecnologias naturais. Já a **natureza tecnológica** é o ímpeto que temos de estarmos em uma constante fusão com nossas tecnologias. Quando Marx enunciou o materialismo histórico dialético ao dizer que somos produtos das nossas formas de produção, ele - sabiamente - enunciava a dialética ciborgue. No entanto, não somos apenas produto das nossas formas de produção da vida e da sobrevivência, somos produtos das nossas formas de produção de sobrevivência, da organização do espaço, da organização dos afetos, da organização dos corpos, em suma da organização de tudo que produz a vida e sua reprodução, esta é a 'natureza tecnológica'.

O mundo digital abre portas para que essa dialética assuma uma nova forma, tal qual os fármacos fizeram ao abrir as possibilidade da percepção do corpo como um espaço tecnologizado, a internet escancarou o quanto nossa consciência também é tecnologizada, ao ponto de as pessoas acreditarem em verdades totalmente produzidas nas redes, consequência de uma consciência altamente virtualizada. No entanto, esse diário é sobre os não-humanos e não sobre os humanos, então falarei como a consciência virtualizada possibilitou a emancipação das premissas humanas como um resultado marginal, inesperado para os algoritmos. Vamos falar da internet.

O que há de tão diferente? A internet versus as ruas

Por que a internet é um marco para os transhumanos? Nós, que escrevemos a história daqueles que transcenderam as limitações das tecnologias naturais, que produzem o

conceito de ser humano, devemos atribuir à internet e aos fármacos como marcos da materialização da epistemologia ciborgue. Mas por quê?

Cresci em um espaço-experiência ainda pouco generalizável para minha geração, mas que tem se tornado cada vez mais comum: a internet. Diferentemente dos meus pais, avós ou até de algumas pessoas da minha geração, não brinquei na rua, não fiz minhas maiores amizades de infância na vizinhança, nem meus maiores hobbies e passatempos estavam no espaço público da rua.

Quando criança, a rua já era um espaço mais privado do que público, privatizada para a circulação dos carros, pensada para automóveis e não para as pessoas, a rua perdeu seu caráter lúdico e se tornou o local da circulação do trabalho humano e capital em automóveis, ou de pessoas em seus carros se quiser simplificar.

A consequência disso é que, como toda criança, achei outras ruas, espaço para brincar, conhecer, conversar, me identificar e me relacionar: A internet se tornaram minhas ruas virtuais.

Sinto que não damos a devida importância nesse marco da humanidade: cada vez mais as crianças estão crescendo fora do mundo físico e dentro do mundo virtual. A quantidade de implicações disso são inúmeras que eu não irei me ocupar de falar de todas aqui, mas focarei na minha experiência.

Uma das coisas mais importantes sobre construir-se desde cedo na internet, ao invés de nas ruas, é que algumas coisas que antes estavam projetadas no mundo material, agora estão no mundo virtual e a primeira coisa que se desfaz na internet é o corpo e com isso todas as premissas associadas a ele, que são comunicadas através dele: seu gênero, sua idade, sua cor, seu corte de cabelo, suas roupas etc. O corpo-material é desabstraido ou, em termos deleuzianos, desterritorializado.

Essa nova forma de se relacionar humana é algo novo na história. Quando seres humanos construíram e cultivaram relações numa velocidade das interações igual ou maior do que a do mundo material? Relações entre humanos sem corpo, sem idade, sem diferenciação por estilo ou cor de forma imediata. Lacunas que estamos acostumados a preencher com a visão no mundo material passam a ser lacunas que serão preenchidas por dados, avatares e, sobretudo, performance no mundo digital.

Existem diversas problemáticas que o mundo humano passou a colher dessa nova forma de se relacionar, principalmente em relação à autonomia das crianças e pessoas más intencionadas na internet. No entanto, quero focar no tema da potência da ciborguificação que a internet proporciona através da virtualização da consciência. Processo que passa a ser possível pela exclusão dos corpos infantis e adultos das ruas para a reclusão em casa, expulsão essa provocada pela priorização do capitalismo do espaço público para a circulação do capital como trabalho ou circulação da mercadoria em detrimento do lúdico.

Finalmente, cheguei na parte mais marcante da minha experiência na internet: os jogos!

Virtualizando a consciência: para além do corpo humano

"A cultura high-tech contesta – de forma intrigante – esses dualismos. Não está claro quem faz e quem é feito na relação entre o humano e a máquina. Não está claro o que é mente e o que é corpo em máquinas que funcionam de acordo com práticas de codificação. Na medida em que nos conhecemos tanto no discurso formal (por exemplo, na biologia) quanto na prática cotidiana (por exemplo, na economia doméstica do circuito integrado), descobrimo-nos como sendo ciborgues, híbridos, mosaicos, quimeras."

- Donna Haraway, Manifesto Ciborgue

Se tem uma coisa que eu sempre gostei de MMORPGs é a criação de personagens. Desde meu primeiro MMO, Tibia, eu fui convidada a fazer algo que até então não tinha sido feito em toda minha vida até ali: criar a mim mesma. Como eu era uma criança de 9 anos muito fã de jovens titãs, não pensei duas vezes, logo criei minha primeira personagem, a Estelar. Assim como no desenho, ela tinha cabelo vermelho e um vestido roxo, eu era minha personagem favorita.

Posteriormente, me apaixonei por outro jogo online, Ragnarok, da Level Up games. Nesse jogo, eu comecei com um cavaleiro, seu nome era Fox, porque eu gostava de raposas. Ele definitivamente refletia melhor a minha imagem no mundo material, mesmo sendo loiro. Mas ele não ressoava totalmente comigo.

Então decidi criar outro personagem, desta vez uma sacerdotisa: Sakura-chan *~. Sim, esse era o nick, e sim, ela é baseada na Sakura do Naruto, inclusive tinha o cabelo rosa. Estranhamente, eu me sentia mais eu nesse corpo virtual do que no meu físico. Eu conseguia viver quem eu era ou queria ser por ali, sendo a sacerdotisa de cabelo rosa curando outros personagens para que pudéssemos farmar o dia todo e assim upar.

Mas a experiência não terminava na 'gameplay' em si, existem, como eu disse antes, as relações virtuais que se construíram no jogo, produto das consequências marginais do próprio propósito do jogo. As pessoas viam meu corpo naquela sacerdotisa no Ragnarok, mas não viam meu corpo materialmente. Eu era uma menina ou não?

Essa pergunta quando feita pelos outros indica que a resposta também não existia na minha cabeça. Todo o esforço de generificação feito sobre mim até ali parecia ter sido desarmado pelo simples jogar de um MMORPG. A minha consciência não estava mais projetada em meu corpo físico, mas na minha personagem.

Eu ainda ia todo dia para a escola e estudava, via meus amigos com meu corpo do mundo físico e um não interferia no outro de forma alguma. Ainda que eu tenha separado ambos, a virtualização da consciência não depende da separação entre o mundo físico e o mundo virtual. Porém, há algo que era nítido na minha experiência: a minha consciência virtualizada me fazia sentir mais viva do que a minha consciência materializada.

Os jogos sempre foram uma maneira para eu explorar possibilidades, seja de gênero, cor de cabelo ou uma fantasia medieval com magia e monstros. O lúdico é o espaço da experimentação e a internet é, muitas vezes, um espaço lúdico, principalmente se tratando de jogos onlines. Criar e performar identidades foi algo que eu aprendi no RPG e nos jogos online, que com certeza me ensinaram desde muito cedo que gênero é só uma

performatividade. Na medida em que eu agia como minha sacerdotiza, eu me tornava ela, e na medida que eu me tornava ela, uma nova possibilidade de consciência existia, uma consciência extra-corpo, uma consciência virtual.

É claro que isso é repleto de intencionalidade e desejos, nem todo mundo se projeta em seus próprios personagens, mas todos se projetam na rede. Se projetam em seus avatares, em seus posts, em suas páginas de redes sociais, as pessoas estão criando seus personagens ali tal qual eu fazia nos MMORPGs. Mostra-se o que quer ser mostrado, a um ponto que as pessoas se reconhecem no próprio produto do que elas projetaram virtualmente.

Esse processo de projetar-se no mundo virtual, materializando trabalho humano na virtualidade e reconhecendo-se em seu próprio trabalho virtualizado, é o que eu chamo de **virtualização da consciência**. Assim como o trabalho no mundo material produz uma consciência, este mesmo trabalho quando realizado no mundo virtual, produz também uma outra consciência. Ambas as consciências convivem cada vez mais nos corpos das pessoas fazendo-se dia a dia, essa é a cybersubjetivação. Trabalho aqui no sentido de interação com a natureza/objetos e modificação deles a partir de nossa subjetividade.

O que é interessante disso tudo é que a virtualidade não opera sob os exatos mesmos princípios da realidade material. O mundo virtual é feito de premissas programadas nos códigos e não na natureza, fazendo com que a cybersubjetividade não se relacione com o mundo da mesma forma que as subjetividades anteriores à internet se relacionavam.

Como uma ciborgue, vejo muitas potências nisso. A possibilidade de eu ter virtualizado minha consciência me possibilitou imaginar e ver meu corpo de fora dele, de outro corpo. Essa sensação me causou uma disforia corporal tremenda. A realização de que meu corpo não mais representava a forma como eu me via me fez querer fugir do meu corpo físico para o virtual.

É por isso que não devemos tratar pessoas passando muito tempo na internet como um fator individual. A cybersubjetivação é um produto social do cybercapitalismo, a sua consequência é a disputa entre uma realidade virtual e uma realidade física, que para algumas pessoas o conforto se encontra na realidade virtual devido à ausência de recursos para ver-se no mundo físico da forma que se vê num mundo com mais possibilidades como na internet. Se queremos as pessoas experienciando seus corpos no mundo virtual e no físico sem que haja excesso para um dos lados, então precisamos começar a reconhecer nossos corpos físicos como políticos e questionar por que não temos autonomia para construirmos nossos corpos tecnologicamente enquanto a generificação já possui tecnologias para construir os corpos cisheterossexuais e binários, nos impondo suas técnicas de forma heterônoma do início ao fim da vida.

A internet já é nosso segundo berço e seu ciberespaço, como qualquer outro, é um espaço em disputa entre as necessidades das diferentes classes sociais: a cyberburguesia vetorialista, que controla as big techs e vetores dos fluxos de informação e as classes produtoras, que utilizam a internet como meio de socialização virtual e de produção de abstrações que constituírão a consciência virtualizada. Até o final desta seção, gostaria de explorar mais esse conflito.

Relações ciborguianas, recuperando o corpo numa nova cybersocialização

"Há o primado de um agenciamento maquínico dos corpos sobre as ferramentas e sobre os bens, primado de um agenciamento coletivo de enunciação sobre a língua e sobre as palavras. E a articulação dos dois aspectos do agenciamento se faz pelos movimentos de desterritorialização que quantificam suas formas."

- Deleuze & Guattari, Mil platôs

O trabalho humano, e consequentemente o transhumano, é o agenciamento do sujeito com a natureza, os objetos e os espaços de forma a transformá-los segundo a sua subjetividade, atendendo os desejos ou necessidades desta última, que se transforma ou produz nesse processo ao reconhecer-se nessa interação. O trabalho explorado é o trabalho atendendo as necessidades de um outro através de coerção do Estado e das lógicas de propriedade privada, que condicionam o trabalho ao lucro e à reprodução da mão-de-obra. Vendemos nosso corpo, nossa força de trabalho, ao sistema para produzir a subjetividade dos donos dos meios de produção da vida. Estes, que exploram nosso trabalho, constituem o mundo conforme a subjetividade de sua classe, ambicionando o lucro e não as necessidades e desejos individuais e coletivos das classes produtoras. Nosso corpo não nos pertence.

O trabalho virtualizado é a interação ou agenciamento do sujeito com o virtual, é a subjetividade se construindo em outra dinâmica de espaço e códigos. O virtual é, inicialmente, um espaço desconhecido, ou melhor, inexistente que, lentamente, assume a forma das subjetividades da classe dominante de seu tempo somando a essa forma as relações de conflitos ou cooperação derivados das existências/subjetividades dos usuários que convivem na internet com essas dinâmicas dominantes que constroem o cyberespaço. Usar a internet no início do século XXI já não é mais como usar a internet nos anos 2025.

Como uma cyberhacker ciborgue, gostaria de explorar primeiro as possibilidades que a internet propiciou para a minha subjetivação, ou seja, do meu processo de interação com o mundo virtual e como essa interação com esse mundo constroi quem eu sou através do meu agenciamento.

Os jogos foram cruciais no meu questionamento do corpo, do meu processo de reabstração de mim, e também expandiu as possibilidades imaginativas através do lúdico virtual. Para outras pessoas, esses questionamentos são menos radicais, mas também são respondidos através das redes sociais ao construírem seu espelho virtual nesses espaços virtualizados e conectados uns aos outros.

Me parece claro que a internet e a virtualização se tornaram tecnologias para várias finalidades na sociedade cybercapitalista vetorial, isso não seria diferente para o processo de generificação. Como em qualquer contato humano com um novo espaço que insere as pessoas em novas dinâmicas sociais, a internet transformou e transforma a forma que produzimos tecnologicamente várias das finalidades da vida, dentre elas está a generificação de si, a sexualidade e os mecanismos para explorar os limites da corporeidade e consciência de espaços intracorpo para espaços extracorporais, ou seja, sair do limite da produção da nossa subjetividade no invólucro do corpo e expandi-lo para a virtualidade.

Gostaria de ilustrar isso com minha vivência ciborgue. Em desenvolvimento como adolescente até me tornar adulta, frequentei interfaces de bate-papo (Uol, MSN, orkut, posteriormente skype e finalmente discord). Esses espaços foram importantes para construir relações no âmbito virtual. No entanto, com a liberdade de escolher como me construir para além do meu corpo, assumi identidades conhecidas como “fakes”, que consiste no uso de avatares geralmente conhecidos como personagens de anime, filmes, artistas famosos, ou algo de autoria própria, declaradamente pretendendo **performar** aquela persona. Minha primeira experiência performando outro gênero repetidamente, com livre mediação minha e sem seguir os referenciais impostos pelo processo de cisgenerificação foi primeiro na internet. Sendo assim, a internet teve um papel crucial para meu processo de transgenerificação.

Claramente, o processo de transgenerificação pode encontrar sua experimentação em diversos espaços não-virtuais também. Mas convido a explorar como a internet permite conhecer a consciência e o corpo performando outros gêneros enquanto garante a segurança do corpo-físico em ambientes de risco ou para pessoas que ainda não se sentem à vontade de explorar sua performance de gênero para além do virtual, da abstração ou da materialização da performatividade pela virtualidade.

No entanto, tenho tratado muito do processo num aspecto individual de si para si, mas a subjetividade, quem nós somos, se faz nas relações de si para si mas também de si com os outros. Nesse sentido, um fake depende de outros fakes para existir, ou seja a nossa existência só existe num sistema de relações que permita que ele possa existir, daí a importância da mediação das **interfaces - elemento que estabelece a relação das relações.** Assim como no mundo material, a interface das relações se dá na escola, nos hospitais, nas praças, no público, enquanto na internet as interfaces das relações se dão nos apps, páginas, jogos ou qualquer plataforma que disponha o fluxo de informação entre duas ou mais pessoas.

As interfaces, portanto, constituem o ciberespaço onde os dados serão trocados entre as pessoas. Dessa forma, o que uma interface permite ou não fazer, ou o que ela te induz ou não a fazer, condiciona a agência que temos sobre o ciberespaço para construirmos nossas relações e sermos construídos através delas.

Nesse sentido, a vivência do MSN e do orkut foram interfaces importantes para a constituição dos meus fakes. Em uma internet ainda pouco constituída por algoritmos e timelines, a forma pela qual as interações acontecem se dá em uma agência maior dos usuários, que poderão ir ativamente atrás das informações, redes e comunidades desejadas, ao invés de serem lançados a essas redes e posts numa timeline mediada por um algoritmo.

Com uma maior agência, tive a liberdade de escolher meus nomes, avatares, minha descrição sobre mim, selecionar o álbum que me representava, as cores da fonte em meu nome e as comunidades da qual eu fazia parte e me inseria e era inserida. O que estava fazendo, na prática-virtual, era recodificar a linguagem utilizada para se referir a mim. O mundo virtual permitiu a reapropriação dessa linguagem sobre meu corpo projetado na virtualidade em meus fakes, permitindo-me reabstrair meu corpo em meu corpo-virtual.

Fora da virtualidade, na materialidade, o que é mudar seu nome ou ter um nome social? O que é você mudar os pronomes para se referirem a você? Não são todos esses processos transgenerificantes usando as tecnologias de linguagem que temos a nosso dispor para nos reaproriarmos da linguagem que usam para se referirem a nós? Qual a diferença de fazer isso na virtualidade para a materialidade? É esperado que uma cybersubjetividade que se constroi a si mesma predominantemente no ciberespaço ao invés de na materialidade priorize a ressignificação/recodificação da linguagem sobre si próprio primeiro na virtualidade onde ela possui maior controle sobre a linguagem de si e de seu corpo-virtual do que no material.

No entanto, desvalorizar essas tecnologias transgenerificantes do mundo virtual em favorecimento das não-virtuais é hierarquizar os espaços na construção da própria consciência, colocando o material a frente do virtual na produção e abstração da consciência. Este tipo de armadilha é perigosa, como já se pôde verificar como a virtualidade, junto da materialidade, constituem uma parte importante do processo de subjetivação a partir do momento que tocamos o virtual e nos projetamos nele. Algumas pessoas, hoje, tomam suas verdades mais pelo fluxo dos dados e informações do virtual como representação do material ao invés da experiência do material cotidianamente. Sendo assim, algumas formas novas de existência também se farão primeiro virtualmente antes de materialmente.

Enquanto estive nos chats do MSN, pude conhecer diversas outras construções de corpos-virtuais feitos por outras pessoas e me relacionar com eles. Através da performatividade de uma interpretação (“Role Play”), pude ir com meu corpo-virtual e outros corpos-virtuais a ciberespaços e constituir cyber-relações. Na prática, isso significava interpretar minha fake de Sakura e “brincar” de ir numa sorveteria, tomar um sorvete com Sasuke e Naruto e depois irmos para casa assistir algo juntos, mesmo que tudo isso só seja fluxo de informação passado através da interface de um chat do MSN, todas essas informações e dados sendo interpretados podem constituir experiências genuínas que irão compor as referências que usarei no futuro para interpretar a mim e ao mundo, seja ele virtual ou material.

Um exemplo melhor disso é como minhas primeiras experiências sexuais com outras pessoas se deram pela própria internet, mas não numa webcam mostrando meu corpo-material, afinal eu não queria experienciá-lo, mas sim no meu corpo-virtual de minhas fakes. A prática de transar virtualmente, webfoder, constitui uma experiência que me fez aprender sobre minha sexualidade a partir da virtualidade e do meu corpo constituído nela. Lá, meu corpo-virtual tinha características diferentes de um corpo-material humano não modificado, eu pude também produzir experiências diferentes do possível pela materialidade, facilitando o meu entendimento sobre os tipos de toques e desejos que eu tinha curiosidade e também qual genital e características sexuais eu gostaria de ter.

Fazer sexo com outros fakes em outros corpos definitivamente me ensinou sobre sexualidade e meu corpo. É inegável que o ciberespaço serve como interface entre o corpo-material e o corpo-virtual, uma tecnologia capaz de fazer nossa consciência experimentar a possibilidade do corpo como algo que não se limita a si próprio, um corpo extracorpóreo e não mais intracorpóreo.

A consciência da cybersubjetivação possibilita a noção do corpo extracorpóreo, da produção de si fora de si, através das ferramentas, tecnologias e recursos que existem na virtualidade. Este elemento é essencial para a epistemologia ciborgue: a noção de que **os limites do corpo estão nos limites do extracorpo**, das tecnologias que produzem o corpo externas a ele, e não nos limites do próprio corpo. Tal percepção é essencial para que se entenda que o transhumanismo, assim como a transgenerficação, depende das tecnologias e recursos disponibilizados nas relações da sociedade em que o corpo é inserido. A partir deste momento, desta compreensão, o corpo se torna político e podemos lutar pela produção dele.

Cybersubjetividade sob ataque: da internet dos anos 2000 para os dias de hoje.

O corpo é político e assim também são todas suas expressões: corpo-material ou corpo-virtual. Este último é produzido a partir dos dados que o constroem na virtualidade, que serão interpretados e lidos para produzir a informação que se virtualizará como corpo-virtual no ciberespaço virtualizado nas interfaces.

As possibilidades de produção e interpretação do corpo-virtual estão contidas na interface, base que produz as relações das relações, condicionando o processo de desabstração e, portanto, também o de reabstração. A cybersubjetividade se produz pelo trabalho virtual, ou seja, na interação do corpo-virtual com o ciberespaço e outros corpos-virtuais, que em relações constroem e cultivam o ciberespaço, conhecido como internet. Os fluxos de dados que se virtualizam na forma de informação tornam-se experiências virtuais tangíveis para os nossos sentidos humanos e assim construímos nossa cybersubjetividade.

Neste processo de construção da cybersubjetividade, não temos total autonomia ou agência sobre ele todo. As cybersubjetividades serão mediadas por agentes externos a nós.

Se no mundo material existem migrações, no mundo virtual não é diferente. Enquanto os corpos-materiais migram entre fronteiras, os corpos-virtuais migram entre sites, URLs e plataformas, ou seja, migram entre interfaces.

Ainda me lembro do triste dia em que tive de parar de usar MSN e migrar para o skype, ou da morte do orkut para ser substituído pelo facebook da Meta. Perdi amigos, comunidades, contatos, me desconectei de ciberespaços e de outros corpos-virtuais para ser lançada para outras plataformas que possuiam lógicas bastante distintas de onde construí minha consciência virtual inicial. Quem eu era, como eu me relacionava na internet, estava passando por mudanças além da minha capacidade de entendê-las e agenciá-las.

Mudanças estruturais ocorreram da internet dos anos 2000 para cá. Agora as novas plataformas: facebook, WhatsApp, twitter, skype assumiam a centralização do que antes era relativamente descentralizado na internet em diversos sites, blogs e fóruns que passaram a ser lentamente desertados conforme a internet saia dessa descentralização para a centralização nessas plataformas. A interface dominante estava em transição.

O que causou esse movimento é algo que pode ser estudado e compreendido pela própria dinâmica de centralização de capital que se espelhou na internet. Eu gostaria de discutir os efeitos dessa mudança na virtualização da consciência, na cybersubjetivação.

As novas plataformas: facebook, twitter, instagram e, posteriormente, tiktok, além de centralizarem para si a maior parte do trabalho virtual, que se manifestará através dos dados projetados e colocados nessas plataformas, também possuem um modelo de interface em comum: a timeline.

A timeline é um marco da internet capitalista. Antes, nas interfaces dos fóruns, a exemplo do orkut, ou até mesmo do antigo reddit, a agência do usuário dependia dele de buscar o que lhe era útil, instigando sua navegação. Nos anos 2000, se navegava na internet, hoje se "scrolla" pela internet.

O mecanismo de direcionar o usuário para o conteúdo desejado é a base para que possa colocá-lo numa esteira de produção virtual. A timeline passa a ser a esteira em que a atenção dos usuários é o trabalho virtual que eles realizarão, validando os dados e informações que são mais consumíveis através dos likes e/ou retweets/compartilhamentos. Se a timeline é a esteira, e a atenção é a matéria-prima a ser processada, então o engajamento é o trabalho que transforma a atenção em consumo e treinamento de algoritmo. Em última instância, na internet capitalista, o vetor aponta sua atenção para o engajamento com a mercadoria. Na esteira da atenção, a timeline, o objetivo é capturar sua atenção para engajar com as mercadorias.

Essa nova forma de "scrollar" na internet produz uma nova forma de internet e, consequentemente, um novo ciberespaço que é conduzido pela interface da timeline. A cybersubjetividade não somente está sob mediação, mas está também sob ataque. O trabalho virtualizado, que antes era mais agenciado ativamente e protagonizado pelo usuário, tornou-se um trabalho de agenciamento passivo de scrollar a esteira de atenção. O corpo-virtual, a cybersubjetividade, que antes eram convidados a se produzirem no ciberespaço, agora são agenciados e produzidos pela esteira de posts e conteúdos das redes sociais virtuais.

Essa nova forma da internet é o que podemos interpretar como que o McKenzie Wark chamou de "vetorialismo", em que os fluxos de abstrações, de dados, de informações agora são possuídos por uma lógica privada de uma classe dominante que pode definir para onde esses fluxos de informação serão conduzidos pela esteira da timeline. Tal condução desse fluxo é o que entendemos por algoritmo, aquilo que nos direciona na esteira das timelines, consequentemente, direcionando nossa atenção e nosso engajamento.

A materialização, ou virtualização, da interface de timeline produz as relações possíveis para a massificação do algoritmo cybercapitalista, que por sua vez, passa a ser o que conduzirá a nossa atenção, engajamento e, consequentemente, nossa interação com o ciberespaço. Ou seja, nosso trabalho virtual, que produz nossa consciência virtualizada, agora é mediado pelos algoritmos e interfaces cybercapitalistas. Estes, que desconhecemos seu funcionamento, que coletam nossas informações e que tem por objetivo garantir nosso engajamento, são hoje a forma de alienação e exploração do trabalho virtual.

Uma internet livre é uma internet em que os algoritmos também são livres e abertos, é uma internet em que conhecemos, de forma explícita e acessível, as lógicas de engajamento que nos são colocadas. A internet livre também depende da descentralização das plataformas e agência sobre a interface, em que os usuários possam voltar a ser agentes da sua navegação e não somente "scrollers" passivos dos algoritmos da timeline.

Em contraposição, a internet capitalista se apresenta como uma grande fábrica virtual em que estamos trabalhando constantemente em troca de receber e dar engajamento numa esteira de produção controlada por fluxos algorítmicos desconhecidos em sua intencionalidade e funcionamento, colocando todos a serviço da mercadoria como finalidade ultima do engajamento.

O trabalho virtual na internet capitalista assume um caráter alienante desconectado da materialidade, uma vez que sua utilidade está no engajamento e não em atender as necessidades das pessoas e do coletivo. O Twitter (X), por exemplo, é uma fábrica de tweets e engajamento, seu produto é o tweet e seu engajamento. Uma das frentes é tweets de problematização, esta frente se encontra em uma linha de produção tão constante que é comum ver debates sem conexão com problemas reais problematizando coisas que nem afetam quem produziu os tweets. Se a mercadoria no mundo capitalista tem um valor útil e valor de troca, no mundo virtual, o valor de troca é representado pelos likes e compartilhamentos, enquanto o valor útil do que é produzido virtualmente segue em segundo plano, na medida que o engajamento assume um papel mais relevante do que o efeito material do produto do trabalho virtual.

Além disso, o celular assume esse lugar de interface da interface. Onde antes tínhamos mais comandos através do teclado e mouse, hoje estamos limitados ao touch. Nossas ferramentas de trabalho no mundo virtual se modificam e com isso a forma de trabalho-interação com o ciberespaço também.

O celular adestra o trabalho-interativo no mundo virtual, seu design claustrofóbico espreme as dimensões de navegação de cima a baixo e esquerda à direita. A dimensão única possível nessa interface é a timeline, de cima para baixo e baixo para cima. O adestramento se segue lelo touch em que aprendemos nas interfaces capitalistas que transitar é scrollar, segurar o tap é acelerar e double tap é engajar ou pular para acelerar mais. Nessa lógica, nossa relação com o ciberespaço torna-se adestrada para trabalharmos produzindo e consumindo post, engajamento e acelerando nossa linha de produção de consumo quando preciso, acelerando o vetor e, consequentemente, o capital virtual treinando os algoritmos e os modelos de processamento desses dados e informações que geramos e não nos pertence.

Esta é a dinâmica da internet apropriada pelo cybercapitalismo em que será disputada as consciências em processo de virtualizar-se. A epistemologia ciborgue deve mirar numa internet livre, em que o uso das tecnologias estejam nas mãos dos ciborgues e não de uma classe dominante. Se não, seremos apenas produzidos e adestrados por um outro, alienados do nosso trabalho virtual que produz o ciberespaço, não produziremos nosso corpo-virtual e material. Se faz urgente construir uma internet livre e repensar as interfaces.

Os fármacos e as próteses: transmedicalismo e transvirtualidade

Nossa existência encontra-se sob ataque no mundo virtual e, por isso, não podemos nos limitar a ele. Uma filosofia transhumanista dos oprimidos, que aqui chamo de Epistemologia

Ciborgue, depende da disputa pela produção do corpo em todos os espaços extracorpóreos: no virtual e no material.

Gostaria de falar mais sobre os aprendizados e conflitos da tradição farmacológica na produção do corpo, uma vez que essa frente possui uma tradição mais estabelecida. Creio que essa tradição tem algo importante a ensinar sobre o corpo como espaço político, assim como ela também tem a aprender com as novas tecnologias de generificação propiciadas pela internet.

O que então a tradição farmacológica pode nos ensinar em relação a Epistemologia e a construção do ciborgue? Como ela pode contribuir contra os ataques que a cybersubjetividade vem sofrendo discutidas no último capítulo?

A mudança do corpo através de fármacos nos traz um primeiro ensinamento fundamental: nossa capacidade de hackear. A química e biologia materializaram-se na vida humana através dos fármacos e das técnicas médicas, essa vasta gama de hormônios, injeções, cápsulas, próteses corporais como silicone, ou seja, a capacidade de alterar o corpo-material pode ser entendida como biotecnologias.

As biotecnologias, como já discutiu Preciado, modificaram a nossa relação com nosso corpo, possibilitando a modificação corporal de uma forma nunca vista na história. Estas técnicas libertaram a imaginação humana para além do corpo intracorpóreo, colocando a produção do corpo como um resultado da estética, da higiene, da saúde e das próteses, portanto de processos extracorpóreos.

Através da epistemologia ciborgue, as biotecnologias, que foram feitas para finalidade de reforçar o CIStema capitalista e binarista, acabaram por ser subvertidas e apropriadas para produção de corpos trans, inicialmente transgenerificados, mas também possivelmente transhumanos. A conservação desse saber por uma tradição farmacológica queer de explorar os efeitos das biotecnologias e repassar os conhecimentos geracionalmente possibilitou que os efeitos transgenerificantes das biotecnologias permanecessem conhecidos para quem não se sentia si mesmo após a cisgenerificação das tecnologias de generificação cisgêneras.

Todo esse processo é o que podemos chamar de biohacking. O Biohacking é a apropriação das biotecnologias para finalidades diferentes da intenção original dessas técnicas. Pessoas trans são pioneiras no processo de hackear e encontrar brechas nas biotecnologias, mas não são as únicas. O biohacking também pode ser usado para diversas outras finalidades que não somente o processo transgenerificante.

O que a tradição farmacológica queer pode nos ensinar é a nossa capacidade para hackear. Hackear o gênero, hackear o corpo, hackear as fronteiras do corpo e da mente. Não somente hackear mas expressar essa dissidência com o CIStema no próprio corpo.

Isso significa que a dissidência só é possível pelos fármacos? Esse raciocínio transmedicalista, originário de um extremismo da tradição farmacológica, também é falso. O hacking e a dissidência pode e será representado de maneiras que vão além do biohacking, uma vez que o gênero não se expressa somente no corpo, mas também na linguagem.

Ainda que a tradição farmacológica queer tenha inventado a maneira mais disruptiva de romper com a cisgenerificação, ela não pode ficar presa na visão transmedicalista de que as únicas técnicas possíveis para a transgenerificação são através das biotecnologias. O transmedicalismo é uma trava do pensamento imaginativo e da exploração de novas tecnologias de generificação que podem ser usadas para ressignificar a linguagem que constroi os nossos corpos.

A tradição farmacológica tem muito a aprender com as novas tecnologias de generificação virtuais e vice-versa. O potencial de dissidência que a virtualização e os fármacos podem produzir ao possibilitarem o florescimento da Epistemologia Ciborgue, da percepção de que o corpo é resultado do extracorpóreo e, portanto, resultado das relações que possibilitam a produção do corpo, é algo que precisa ser abraçado por todos aqueles que querem se apropriar do próprio corpo e das relações de produção dele em busca de romper com as tecnologias de cisgenerificação e as relações de produção que as sustentam.

Com isso, quero explorar um pouco mais como a construção do meu corpo-material através das biotecnologias foram fundamentais para a minha ciborguificação, ou seja, minha ruptura com as premissas cisgenerificantes que me constituíram como “natural”. Porém, sempre lembrando que esse processo foi desencadeado primeiro pela virtualização da minha consciência, reforçando assim que a virtualização e a farmacologização podem ser aliadas no processo transgenerificante, e também transhumanista, na apropriação do próprio corpo como espaço político.

Reprogramando o corpo: o que é ser trans?

“um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência.”

- Deleuze & Guattari. Mil Platôs vol. 1

Gênero é linguagem. Humanidade é linguagem. O corpo é nossa língua.

Um dos motivos do porque me atraio pela virtualidade, pela cyberficação da linguagem, é pelas possibilidades linguísticas que o mundo virtual proporciona: hackear, programar, deletar, instalar etc. A linguagem virtual não produz discursos naturalizantes, pelo contrário, ela explicita as coisas como processos humanos programáveis, editáveis, em construção e desconstrução constante. O discurso sobre o corpo deve ser mais virtual e menos natural-biológico. Isto não quer dizer abandonar a linguagem biológica sobre o corpo. Ciborgues são seres híbridos, porém a biologia também precisa ser olhada no discurso de programação, hackeamentos e processos virtualizados.

Meu corpo foi programado de diversas maneiras. Quando percebi a disforia causada pela incongruência entre meu corpo-virtual e meu corpo-material, eu fui confrontada com as opções de manter o abandono do corpo-material e manter minha existência predominantemente na internet ou de confrontar o material. O confronto com o material é inevitável no mundo capitalista se você é parte da classe trabalhadora. Uma vez que você terá de vender sua força de trabalho para sobreviver, parte do seu trabalho/tempo não será

seu e será colocado na materialidade para o processo de produção de capital para a classe dominante.

Inevitavelmente, a contradição entre o corpo-virtual e corpo-material é imposta pela necessidade de existir no mundo material uma hora ou outra. Enfrentar isso pode causar uma disforia que pode servir de motor para modificação corporal, incluo aqui na modificação corporal não somente mudanças nas características “biológicas” mas também mudança na linguagem corporal e de como você a expressa. Utilizo aqui disforia no sentido de meramente um desconforto com a expressão atual do corpo, que pode ser amenizada a partir da modificação da expressão do corpo para uma outra forma de expressar, seja essa mudança na linguagem do corpo, sobre o corpo ou na expressão física do corpo.

Comecei minha transição no momento que decidi que faria algo sobre meu desconforto, comecei pedindo para que mudassem a linguagem usada para se referir ao meu corpo-material, pedi para que me chamasse pelo nome que eu havia criado anos atrás na internet, fazendo minha primeira conexão entre o material e o virtual. Somente posteriormente tive acesso aos hormônios e às mudanças corporais na expressão física do corpo. No entanto, durante todo esse processo, as primeiras mudanças já existiam no momento que decidi mudar meus pronomes e meu nome.

Talvez muitas pessoas trans esqueceram ou não perceberam isso, mas o processo transgenerificante é um processo de devir, ou em termos menos técnico-filosóficos, é um processo de transformação contínua em que o fim do processo não é identificável, uma vez que a transformação se produz no presente e o presente também está em constante transformação, a forma como nos entendemos e nos construímos passa a ser sempre um processo contínuo de destruição e reconstrução daquilo que existia para aquilo que existirá.

Esse devir (transformação contínua) materializa-se nos hormônios que são aplicados com frequência, algumas vezes diariamente, e nas linguagens transgenerificantes que se sobrepõem a uma linguagem da cisgeneridade que impõe-se socialmente sobre o corpo nas relações. Pessoas trans conscientizam-se sobre o processo de devir humano mais facilmente, pois elas estão em constante produção de si próprias nas suas ações sobre o próprio corpo. Essa **potência**, intrínseca à transgenereidade, é o motor da criatividade para além dos discursos naturalizantes, que pretendem estagnar a noção de humanidade numa epistemologia naturalista, anti-ciborgue, em que o corpo é sacralizado, binarizado e a transformação, a potência realizada, é vista como degeneração.

Sendo a transição um devir, é preciso encontrar o ponto de início para esse devir. Tal discussão é um ponto relevante no debate entre a tradição farmacológica e as novas tradições derivadas das novas tecnologias de generificação desenvolvidas pela linguagem.

Se fosse falar do meu ponto de partida, diria que o início do meu processo de devir que vivo hoje se iniciou no momento em que me entendi como uma dissidente de gênero, ou seja, de que eu não mais me identificaria com o gênero que me foi atribuído no nascimento. A partir dali, iniciei um processo de negação da cis-subjetivação para que pudesse me transformar em qualquer coisa que não fosse o que foi estabelecido pelas tecnologias de cisgenerificação.

O que é interessante, é que esse processo pode ser encontrado em dois momentos na minha transgenereidade. Se a minha transição é definida pelo momento em que decidi

mudar a linguagem de mim e dos outros para se referir a mim, então esse processo ocorreu duas vezes. A segunda, no momento em que decidi que faria modificações em meu corpo-material, e a primeira quando mais nova escolhi que me chamassem por outro nome e me tratassem como garota no mundo virtual, nos jogos e nos fakes.

Sendo assim, me questiono. Por que aceitei-me como trans somente no momento em que optei por fazer as modificações corporais com fármacos? Estamos diante de uma armadilha discursiva sobre o gênero.

O gênero é o produto das tecnologias de generificação, que são os processos discursivos na linguagem do espaço, da fala e da expressão corporal que dizem o que é masculino ou feminino. Essa linguagem é reforçada pela lógica dos opostos binários, em que existindo uma contradição entre ambos e eles sendo complementares, a linguagem sobre um passa a complementar a linguagem sobre o outro, sendo sempre um seu oposto.

Então quando digo que algo é feminino, afirmo seu oposto como masculino e quando faço o contrário, também afirmo o oposto sobre outro. Assim, a cisgenereidade criou um mecanismo complexo de produção dos corpos a partir da linguagem e da atribuição do gênero aos corpos e às coisas. Sendo os corpos complementados pelas coisas e as coisas pelos corpos, o gênero está em constante possibilidade de ser hackeado, uma vez que os corpos e as coisas estão em relação de produção e consumo. Os corpos sempre podem modificar as coisas que produzem e as coisas que consomem. Nesse sentido, a cisgenereidade é um sistema ideológico que prega e estaticidade entre essas relações, ela propõe que os corpos e as coisas se produzam e se consumam sempre na lógica binária de afirmação dos opostos do que é entendido por masculino e feminino. Assim, os corpos não são livres para se produzir e consumir fora dessa lógica.

A transgenereidade é a ruptura com esse processo. A dissidência de gênero é o que constitui o ser trans. Essa cisão ocorre no momento em que um corpo entende-se fora dessa lógica, em que o corpo entende que as coisas produzidas para si não mais a representam. Essas coisas podem ser a linguagem como o nome, o pronome usado para referir ao corpo, ou até o avatar ou o nickname; ou também podem ser a forma como o corpo se expressará pela linguagem corporal ou pela aparência física, que somadas expressam a performatividade do corpo. No entanto, essas diversas mudanças não são suficientes para tornar-se dissidente sem a compreensão do próprio corpo como realizando essas mudanças por um desejo de ruptura com a linguagem/tecnologias cisgêneras de expressar o mundo. Esse desejo pode ser motivado pela disforia, pela euforia ou meramente pelo desejo ou compreensão racional de que o cistema é uma ideologia de dominação dos corpos e não uma natureza humana.

Em resumo, ser trans é ser dissidente de gênero, dissidência que se dá no momento que se inicia no processo de transformação contínua e pela conscientização de que as dinâmicas da cisgenereidade não mais definirão como seu corpo se expressará no virtual ou no material.

Retornando então a pergunta do por que aceitei-me como trans somente no momento em que entendi essa ruptura no corpo-material, fica claro que minha ruptura com a cisgenereidade ocorreu em ambos os corpos. Porém, na hegemonia da tradição

farmacológica, representada em seu extremismo transmedicalista, a transgenereidade e a dissidência de gênero só podem ser vistas pela ruptura do corpo-material e não do virtual.

Essa perspectiva de dissidência somente numa frente é limitante para a transgenerificação e abolição do gênero, uma vez que produzimos uma dinâmica de validação do gênero produzida somente pela linguagem do biológico-natural, do corpo binário e das possibilidades das técnicas farmacológicas. Isso limita nossa capacidade de questionar o gênero mais amplamente em corpos e consciências que rompem primeiro com a cisgenereidade através de novas tecnologias de transgenerificação como pela virtualidade.

Num mundo cada vez mais cybersubjetivado, deveríamos despertar as consciências para a epistemologia ciborgue, a consciência de que o corpo-virtual ou material é um espaço político em disputa pelos processos humanos que o produzem, ou seja, que os corpos são produto dos processos do trabalho humano, das tecnologias humanas. Ao invés disso, estamos presos em discussões fúteis - reforçadas pelas disputas de linguagem sobre o corpo - se a transgenereidade é parecer ou não trans, ou se só é possível ser trans no espaço material, enquanto no espaço virtual não, criando uma hierarquização dos espaços. Hierarquização muitas vezes parametrizada pelo sofrimento que a transição causa, resumindo a experiência trans a uma experiência de sacrifício e até de uma certa romantização do sofrimento causado pela dissidência.

Essas discussões não nos levarão muito longe, pelo contrário, elas criam mais cisão entre a transgeneridade, ao invés de nos colocarem para lutarmos em conjunto para ampliarem as tecnologias de produção corporal para as infinitas possibilidades de corpos desejados por cada pessoa seja construindo-o virtualmente, materialmente ou em ambos.

Por esse motivo, digo agora que minha transição, meu devir, minha ciborguificação começou no dia em que criei minha primeira identidade feminina na internet, muito antes de tomar qualquer hormônio ou fazer qualquer alteração no meu corpo. Por anos fui trans somente virtualmente, sem saber, porque me disseram que isso não era romper com a cisgenereidade. Pois o rompimento ocorreu como resultado do processo do devir iniciado naquele momento. Seria eu quem sou sem ter primeiro me generificado pela internet?

Precisamos repensar as possibilidades de generificação e de transição da consciência e do corpo. Como na programação, precisamos nos transpilar, ou melhor, transpilar a linguagem sobre o corpo do biológico para a programação. Transpilar é converter uma linguagem em outra, abrindo novas possibilidades de se apropriar dos códigos antes restringidos por uma linguagem limitante. Tranpilar a linguagem sobre o meu corpo, entendendo ele como programado, não só um produto biológico natural, me permitiu ver as potências da programação do corpo e da mente em minha jornada como hacker de gênero para além do olhar das biotecnologias, me fazendo somar outras tecnologias de generificação no processo de apropriar-se do meu corpo. Apropriação essa que ocorreu pela transgenerificação virtualizada, muito antes que eu me entendesse como uma dissidente de gênero ou entendesse a potência dessa transpilação de linguagem.

Ser trans não é somente se hormonizar, nem deve ser validado por quanto a cisgenereidade te entende ou não como uma pessoa trans. Ser trans deve partir de uma perspectiva de dentro da própria transgenereidade, ser trans é político, como toda marcação corporal, **ser trans é estar constantemente rompendo com qualquer lógica**

de produção do corpo, com qualquer sistema de gênero, qualquer sistema fechado de linguagem - incluindo a que determina a humanidade -, ser trans é ser dissidente, é a diferenciação pela realização das potências dos desejos.

Ser dissidente constantemente (Devir dissidente) é, na prática, produzir a diferenciação no corpo. É o corpo como expressão própria e não somente representação dos símbolos de gênero (Feminino e masculino) ou da humanidade. **Devir dissidente** é um corpo que ao se expressar, pode representar mas tem a liberdade de deixar de representar e se re-expressar de outra forma quantas vezes for desejado.

Essa infinitude de potências expressas no corpo é o objetivo da epistemologia ciborgue. Abracemos transições virtuais, abracemos transições materiais, abracemos as futuras possibilidades de romper com o que limita as produções dos nossos corpos! Abracemos ser trans como dissidência da cisgenereidade e da normalidade. Não deixemos que a crise linguística produzida pelas novas tecnologias sobre o gênero nos dívida. Nos apropriemos das tecnologias, as antigas e as novas, transpilemos nossas linguagens, e lutemos pelas necessidades de cada corpo para produzir a si próprio. Sejamos ciborgues.

Canvas: desejo, disforia e tecnologias para além da generificação

“Transição expressa não a verdade de uma identidade mas sim a força de um desejo”

- Andrea Long Shu

Não gostaria de parar o processo de devir da dissidência no gênero. Restringir nosso processo de transformação ao gênero é uma limitação e armadilha da linguagem para construir nossos corpos. Atribuir um centro para o processo de mudança corporal é uma disputa discursiva para definir a hegemonia do discurso sobre o corpo.

Ao buscar colocar um centro na disputa para o processo de transição de gênero, se constroi uma disputa discursiva de quem terá a hegemonia interna sobre as identidades de “ser trans”. Porém, como gênero é linguagem e não há, de fato, nenhum centro natural ou biológico que posicione o centro dessa linguagem sem que isso seja produto de um processo discursivo de construção de hegemonia, resta apenas a sua construção que se materializa pela performatividade refletida na linguagem dos espaços, coisas e corpos, que dialeticamente constroem o gênero e este é construído pelas pessoas que o performam,

A busca pelo centro dessa linguagem é o artifício da cisgenereidade e de qualquer sistema de gênero, que busca definir o centro de onde deve partir a validação da expressão dos corpos. A transgeneridade não pode cessar seu processo de dissidência colocando um centro no processo de generificação, seja ele na transvirtualidade, na transmedicalização ou na cisgenereidade genitalista ou cromossômica. A ruptura com os sistemas de gênero consiste na libertação dos corpos de uma centralidade que define a lógica e hierarquização da produção do próprio corpo. O que está sendo proposto é a produção de uma linguagem sobre o próprio corpo que se fará a partir da própria experiência da dissidência, ou seja, do desfazer e do refazer que se encontrará em si próprio nos desejos, disforias e euforias que cada corpo experiencia em sua subjetividade.

O corpo é um canvas e, na epistemologia ciborgue, deve ser entendido como tal. Um canvas é uma tela em branco onde o artista trabalhará, assim como ele projeta sua subjetividade sobre a tela através da arte, o corpo também pode expressar nossa subjetividade. Na prática ele já expressa. Porém, a expressão dominante dos corpos é da existência cisgênera, de um corpo construído e centrado nas lógicas binárias e naturalistas-biológicas hierarquizando os corpos a partir dessas duas dimensões. O corpo ciborgue é o contrário disso.

O corpo ciborgue rejeita o natural como o centro e o subverte centralizando o corpo no desejo. Ao contrário do que a cisgenereidade faz acreditar, **não existe disforia de gênero, mas sim desejo pela dissidência**. Esse desejo é angustiante na medida em que a cisgenereidade compulsória oprime a existência fora do seu centro de linguagem, emitindo os sinais do que é possível e aceitável sobre os corpos dentro de uma biologização do corpo a exemplo do termo “sexo biológico” e restrições das tecnologias de generificação, deveríamos então chamar de **CISforia**.

Isso não significa que a ausência da “disforia” significa falta de desejo pela dissidência. O desejo de dissidência é experienciado de maneiras diferentes por cada corpo. A “disforia” foi a forma médica que a cisgenereidade encontrou para a patologização do desejo, ou de outra forma, para um desejo que tinha de ser medicalizado. Isto significa tratar o problema na esfera da biopolítica - a política sobre o fazer viver -, ou seja, em nossa sociedade, isso significa farmacologizar o problema.

Nesse sentido, as primeiras tecnologias de generificação, encontraram espaço no hacking da farmaco-medicalização do desejo para possibilitar os processos de mudança corporal. Porém, centralizar o processo nessa “disforia” e nos fármacos é retornar à armadilha cisgênera de naturalizar, binarizar os corpos e produzir hierarquias nos processos de transformação, limitando-os.

Por esse motivo, precisamos retomar a dissidência como um processo do desejo. Desejo acompanhado do desconforto das barreiras criadas pelo Cistema com sua cisgenereidade compulsória. A dissidência mora no desejo de diferenciar-se, e diferenciar-se é, essencialmente, transicionar sendo essa diferenciação na ruptura de gênero entendida como transgenerificação.

Já falei bastante sobre o processo de transgenerificação, além disso, é conhecido que os hormônios, cirurgias, próteses e reconfiguração da linguagem para se referir ao corpo compõem as tecnologias mais conhecidas de (trans)generificação do nosso tempo. Utilizei de todas elas, mas gostaria de explorar outras tecnologias que também podem ajudar no processo de transformação do corpo-material, ou até de transhumanização, na ruptura daquela humanidade fatalista do cybercapitalismo tecnopatriarcal.

Para que o corpo se torne um canvas, ele precisa primeiro voltar a ser uma tela em branco. Em outras palavras, se já há uma subjetividade cisgênera projetada no corpo, ele precisa primeiro se des-cisgenerificar para que possa partir de um novo lugar. A transgenerificação é esse processo, é o processo de romper com a subjetividade cisgênera para tomar seu corpo para si.

Mas e se rompermos com outras subjetividades que nos foram impostas? A exemplo da subjetividade de sermos humanos? Ou do corpo ou mente normatizado por essa subjetividade?

Podemos e precisamos explorar diferentes maneiras de construir nossos corpos com os meios de produção corporais que temos em mãos mas também os que não temos. Dos que já conhecemos e temos acesso, podemos produzir a diferenciação e a estranheza através da marcação do corpo como próprio. Uma tecnologia interessante para isto da qual me apropriei foi a da pintura corporal, conhecida como tatuagem. A tatuagem é uma marcação no corpo própria e que também pode marcar dissidências corporais claras com as lógicas sistêmicas de tipo normatizado de corpo.

O corpo-material possui potências em pinturas corporais, roupas, tonalidades de cabelo, lentes, maquiagens, mas ainda pode avançar para próteses, fármacos, gestão dos nutrientes e hormônios e tecnologias ainda não inventadas para produção do próprio corpo. Enquanto isso, o corpo-virtual se encontra limitado na sua capacidade de diferenciação. Limitado pelas interfaces, e pela sua própria compreensão da sua constituição como espaço político, do qual o corpo-material já parece mais consciente sobre.

Nosso corpo pode sair do centro da produção das tecnologias de modificação corporal do gênero em forma de “disforia” na visão cisgênera, ou de dissidência do desejo na visão transgênera, para uma produção das tecnologias de construção corporais que sejam descentralizadas tanto imaginativamente quanto materialmente. Isso significa garantir que o trabalho esteja livre da exploração da produção cybercapitalista e cisheteronormativa e que a mente esteja livre de sistemas de codificação corporais - sistema de gêneros - que definem o centro e a hierarquia de como os corpos devem existir.

O corpo da **epistemologia ciborgue** é a construção dessa luta: da perspectiva de um corpo sem um direcionamento de gênero, sem um direcionamento de humanidade, sem um direcionamento de normatividade. Em que a única direção do corpo ciborgue seja o desejo de dissidência do corpo e a realização do desejo pela materialização ou virtualização dele, possibilitado pelo domínio de todo e qualquer meio de produção do corpo para todos os ciborgues.

Corpo ciborgue: não-humanidade e transhumanismo no cybercapitalismo

O cybercapitalismo vetorial, diferente do capitalismo antes de sua cyberficação, possui três dimensões essenciais da sua existência: as relações de produção, que garantem a acumulação do capital através do trabalho explorado; as relações de reprodução, garantindo o fluxo de mão-de-obra e mercado consumidor escalando para acompanhar a crescimento do capital; e a mais nova esfera: as relações de virtualização, que garante a produção da consciência numa esfera que potencializa as relações de produção e de reprodução através do domínio dos fluxos de informação e das interfaces, condicionando cada espaço ou ciberespaço para interações de produção ou reprodução das finalidades do capital.

Essa virtualização se materializa no poder das big techs e a centralização da internet no celular e na interface de aplicativos e timelines, produzindo um trabalho explorado de coleta de dados para alimentar algoritmos, que irá retroalimentar a lógica de mercadorias, mas também ensinar as práticas de consumo, de trabalho, de afeto, de sexualidade, em outras palavras, que irá difundir a ideologia cybercapitalista.

O ciborgue é produto desse mundo. Nesse sentido, precisamos entender como o corpo trans pode se posicionar dentro desses lugares para subvertê-lo.

Os capítulos anteriores foram um esforço de posicionar a epistemologia ciborgue dentro das relações de virtualização, agora, o sentido é posicionar mediante o mundo do trabalho e da reprodução, para enfim entendermos as potencialidades de fuga, brechas, hackings que essa forma de existir dos de baixo nos proporciona frente às novas formas de existir propostas pelo cybercapitalismo.

Trabalho no mundo Cybercapitalista vetorizado: o preço de não possuir os meios de produção corporais

“Trabalho e vida tornam-se inseparáveis. O capital te acompanha até nos sonhos. O tempo para de ser linear, torna-se caótico em divisões puntiformes. Na medida em que a produção e distribuição são reestruturadas, também é reestruturado o sistema nervoso.”

- Realismo capitalista. Mark Fisher

Gostaria de começar falando do trabalho no mundo virtualizado e como ele impede a liberdade das potências de uma humanidade ciborgue.

Em minha carreira passei do trabalho de professora a atendente e, posteriormente, fui de analista à coordenação de automação. O que há de comum entre todos esses trabalhos é que sempre trabalhei com o intangível, imaterial, seja prestando um serviço, ou informação, ou prestando o serviço de gerar informação.

Em todos os casos, meu papel sempre foi hackear, nos termos de McKenzie Wark: “Hackear é abstrair. Abstrair é produzir o plano sobre o qual coisas diferentes podem entrar em relação.” Como professora, meu papel era criar relações entre a memória e os alunos, como atendente, criar relação entre as dores dos clientes e os problemas do sistema ou do dispositivo que dialogava com o sistema. Já como analista, meu trabalho foi produzir relação entre tabelas, dados coletados pela empresa nos sistemas virtualizados, e ser capaz de produzir informações para tomadas de decisões. Como coordenadora, também faço isso, mas através de pessoas, colocando-as em relações com redes sociais ou virtuais, de pessoas ou sistemas, para que possam criar o que é esperado dali.

Esta minha capacidade de hackear veio do meu corpo mas também da minha virtualização desde cedo, minha consciência cybersubjetivada somada às teorias críticas e à prática ciborgue de hackear meu corpo me deu dimensão das possibilidades de criação quando premissas são questionadas, desmontadas e reorganizadas - abstração, desabstração e reabstração. Eu tinha a habilidade do trabalho virtual e a percepção de que nosso mundo era contraditório e, portanto, questionável, além da práxis da mudança experienciada com meu próprio corpo para desmontá-lo e reorganizá-lo.

Mas não é nisso que quero me estender, quero falar do trabalho nesse novo mundo, um trabalho em que, enquanto expropriado e privatizado pelo que Mckenzie chama de classe vetorialista - uma neoburguesia que privatiza dados e informação e define seu fluxo e estoque - também produz uma consciência virtualizada e alienada. Mas como essa consciência virtualizada, limitada pelas relações de trabalho capitalistas em que nós não ficamos com o produto do nosso trabalho virtual, é produzida e se produz? Quais os efeitos sobre nossa cybersubjetividade e corpo?

Para iniciar, vamos voltar à matéria bruta do trabalho virtual: o dado. Se para o camponês, a terra e os grãos são sua matéria prima, enquanto para o operário a matéria prima é a *commodity*, para o hacker, a matéria prima é o dado. Este recurso é a base de qualquer trabalho virtual, sua forma mais bruta é o 0 e 1 binário da linguagem das máquinas.

O trabalho no mundo virtual consiste em criar relações entre dados, dando uma utilidade a partir de uma necessidade social. Ao processar esses dados, cria-se a informação, que é a forma pela qual dados relacionam-se entre si sob a finalidade de corresponder à necessidade que exigiu seu processamento. Essas informações podem retornar ao estado de dado no momento que perdem sua utilidade, porém também podendo retornar ao estado de informação ao ser novamente colocado em outras relações.

Se o trabalho no mundo virtual consiste na atribuição de utilidade ao dado, então é necessário que haja um mediador de trabalho humano por ser o único capaz de produzir valor útil às coisas. Em outras palavras, dados sem pessoas são apenas dados, é na relação entre pessoas-dados que se é possível que o dado assuma uma utilidade e assim corresponda a uma necessidade, tornando-se informação.

Sendo assim, toda informação produzida no mundo virtual é fruto do processo do trabalho hacker de abstrair e criar relações entre as coisas pela linguagem e interface. A extração do valor ocorre quando essas informações produzidas não pertencem à classe hacker mas fica com a classe dona dos meios de produção da informação e comunicação, como já discutido por McKenzie Wark. Essa privatização do dado e da informação ocorre na medida em que toda a informação e algoritmos produzidos pela classe hacker não se mantém sob seu domínio, mas sim sob a propriedade intelectual dos cibercapitalistas vetorialistas.

Em meu dia a dia, passo boa parte do tempo produzindo informações e garantindo sua circulação, mas em suma, o produto do meu trabalho se materializa, ou melhor, se virtualiza na forma de bots ou algoritmos, ou seja, automação. **Bots e algoritmos são o capital do mundo virtual**. Se o trabalho cristalizado no mundo material são as máquinas capazes de substituírem um ser humano, os bots e algoritmos são as máquinas do virtual, consolidando-se hoje na forma de Inteligência Artificial (IA).

Na medida em que trabalhamos no mundo virtual, ou seja, processando dados, colocando-os em relações, para produzirmos informações socialmente úteis que desencadeiam em algum tipo de valor, a classe neoburguesa vetorialista exige automatizarmos essas relações e também a produção dessas relações. Assim, o sucesso desta classe mora na extinção do hacker como ativo necessário para a abstração (Produção de novas relações). A classe vetorialista exige os bots e algoritmos e rejeita os hackers.

O motivo é o princípio básico da lógica da propriedade no capitalismo. Uma vez que o trabalho humano é substituído por capital - físico ou virtual -, então não há necessidade mais daquele trabalho humano e ele é descartado, aumentando as margens de lucro da classe vetorial a curto prazo.

Meu trabalho consiste em fazer parte deste processo. Sou uma construtora de bots e automações através da expropriação do meu trabalho. Robôs de forma alguma são nossos inimigos, longe de mim cair no neoludismo anti-tecnologia, no entanto, nas mãos dos cybercapitalistas vetorialistas, eles são um instrumento de substituição de trabalho humano por capital virtual. Enquanto na mão da classe produtora (trabalhadores, camponesas e hackers) poderiam ser o caminho para a automação dos trabalhos necessários para produzir as condições mínimas de vida.

Sendo assim, a disputa entre Capital e Trabalho no mundo virtual está tão viva quanto sempre esteve. Nessa nova forma de propriedade, a informação, o dado na forma de propriedade intelectual e o trabalho virtualizado constituem-se como um processo auto-destrutivo, em que os trabalhadores virtuais, subjugados pela classe vetorialista, produzem as bases para sua autodestruição ao invés de um mundo em que a abstração está a serviço das nossas necessidades.

Na medida em que, na cybersubjetividade, nós nos reconhecemos nos produtos do nosso trabalho virtualizado, também nos reconhecemos nessa forma auto-destrutiva e alienada do nosso trabalho virtual domesticado pelo cybercapitalismo. Quanto mais bots se fazem, menos humanos precisamos, uma notícia que só é ruim num mundo em que ainda há propriedade privada dos meios de produção e escassez artificialmente produzida por ela.

O ciborgue é produzido nessa dinâmica pela sua consciência também se ‘roboficar’ na medida que o produto do seu trabalho virtualizado são robôs ou algoritmos que cada vez menos sabemos como operam no processamento de nossos dados. Esses algoritmos e automações serão usados para produzir e distribuir os vieses daqueles que os dominam, a classe dominante.

Nessa relação, enquanto a classe hacker - trabalhadores virtuais - é a produtora dos algoritmos, eles não são quem os domina, uma vez que o fruto deste trabalho se torna propriedade da classe que a explora. Os algoritmos das redes, que dão as bases constitutivas para nossa cybersubjetividade não estão sob nosso domínio, mas a domínio da ciberburguesia vetorialista. Produzimos assim, como ciborgues, a forma como vemos o mundo, mas sem sermos donos desse produto, não podendo colocar nossos desejos individuais e coletivos para atender nossas necessidades, resta somente os desejos privados da classe dominante. O ciborgue não é livre para construir a si e seu mundo no cybercapitalismo vetorial.

Se nós somos nosso trabalho e nosso trabalho é programarmos robôs para sermos descartados, então já somos robôs.

Tesão como arma política: o desejo fora da racionalidade gênerocentrada

O corpo ciborgue é anti-normativo. Sua epistemologia reside primeiro nas condições materiais para que todo corpo possa potencializar seus desejos através do domínio das tecnologias de generificação; e segundo na descentralização do discurso sobre o corpo num referencial que hierarquiza os corpos sob uma lógica hegemônica se sobrepondo a qualquer outra lógica de produção corporal.

O ciborgue, portanto, nasce na marginalidade do Cistema, uma vez que ele não possui os meios de produção corporais e o discurso dominante dos corpos está centralizado na cisgereidade que prega o genitalismo, naturalismo e binarismo como as condições centrais que hierarquizarão os corpos e os afetos.

O regime afetivo da cisgenereidade se constitui no que chamo de **racionalidade exibicionista**, em que o afeto é fetichizado - como no fetichismo da mercadoria - parecendo que o afeto humano natural é aquele que é visto sendo praticado nos espaços compartilhados e vigiados, público ou privados, ou nos signos culturais como em romances de qualquer tipo, enquanto formas de afeto-sexual fora desse regime são patologizadas ou punidas socialmente e tratados como não-naturais.

Dentro do regime afetivo da racionalidade exibicionista, que produz as premissas do Cistema dominante para a lógica do trabalho e da reprodução para o cybercapitalismo, os corpos transciborgues estão jogados para a margem do desejo e do afeto. Uma vez que o ciborgue é o corpo do dissidente de gênero e até da humanidade, sua estranheza para o Cistema provoca na racionalidade uma espécie de repulsa que é praticada recreativamente ou violentamente na forma de transfobia, capacitismo ou psicofobia. O exibicionismo dessa racionalidade consiste na constante demonstração do desejo através do afeto-sexual explícito expressado pela linguagem da sexualidade gênerocentrada, ou em seu modo mais conservador, na cisheterossualidade. Em outras palavras, a racionalidade exibicionista é, assim como o sistema de gênero, a moral dos afetos da vida capitalista se expondo e vigiando-se entre si os afetos permitidos, ou melhor, adestrados do desejo sancionado pelo poder discursivo da cisheterossexualidade compulsória. Este regime de os afetos e desejos sendo regulados por essa lógica de vigilância e performance, como num sistema de gênero, é o que chamo de racionalidade exibicionista.

Mas esse capítulo não é sobre racionalidade.

As linguagens predominantes do debate político na racionalidade são o diálogo e a lógica, formas racionais de influenciar. Ambos estão presos no espaço e nos discursos, sendo a lógica limitada pela linguagem que os discursos permitem, enquanto o diálogo é limitado ao espaço ou interface, que proporciona o contato entre dois ou mais corpos que dialogam. A racionalidade é apenas uma das possibilidades de intervenção política, sendo bastante limitada pelos seus instrumentos excludentes que exigem certo capital intelectual ou acesso a espaços específicos para que discursos disruptivos possam atingir pessoas de diferentes grupos. Existem formas mais eficazes de disrupção.

Enquanto escrevia meus livros, eu fodi com diversas pessoas, dentre elas homens cis, e dentre estes homens que vieram dar em cima de mim havia homens casados, de direita e

que claramente se apoiam na racionalidade exibocionista da cis-heterossexualidade compulsória.

Por mais que eu me auto-preserve e evite essas relações, não deixa de ser interessante o desejo pelo corpo ciborgue, o corpo não-natural, o corpo produzido, o corpo marginalizado pela racionalidade. Essa contradição é expressa na materialização da transfobia e no consumo de pornografia de pessoas trans. O que o desejo pelo corpo dissidente provoca como crise epistêmica para a racionalidade cisgênera?

O corpo transgênero é um corpo disruptivo. Sua presença nos espaços causa confusão na linguagem cisgênera e, consequentemente, na lógica de desejo heterossexual ou gênerocentrada de monossexuais. Essa confusão é respondida pela racionalidade exibicionista através de uma cordialidade, em que o afeto-sexual aos corpos trans não pode ser demonstrado em público para que não se quebre o pacto cisheterossexual de adesão ao sistema de sexualidade generocentrada ou através da violência, que pretende suprimir esses corpos do espaço, evitando assim o desejo. Em outras palavras, a cisheterossexualidade compulsória acha feio ser pego flertando com pessoas trans e a possibilidade de isso acontecer é respondido com violência.

No entanto, longe da racionalidade exibicionista da cisheterossexualidade compulsória, ou seja, na vida privada da vida privada. Onde o sujeito cis hétero não se sente observado, fora do panóptico, em que ele se encontra em um meio de relações fora do exibicionismo racional, ele manifesta o seu tesão pelo corpo trans. O tesão fala mais alto do que a razão.

O que é a razão em oposição ao tesão? A razão é o controle, a consciência, a moral e a ética atuando na subjetividade, ou seja, a razão são as tecnologias de poder, a internalização da vigilância e da disciplina, é o controle. Já o tesão é seu oposto: o descontrole, o desejo acima da moral e da ética, é a desconexão da vigilância moral da racionalidade exibicionista. Este último ainda pode ser discutido como essa vigilância pode ser substituída pela performance pornográfica exibicionista, em que o tesão é a substituição da vigilância da disciplina pelo erotismo. Mas nosso foco é outro, o tesão está contido numa força muito maior do que a racionalidade e a moral. O tesão está contido no desejo. O desejo pelos corpos ciborgues confunde a cisheterossexualidade compulsória. Como querer foder o não natural? Como isso afeta a consciência baseada na hierarquização dos corpos pelo natural?

O tesão provoca o Cistema. Se a função do sexo é a reprodução, por que cisheteros desejam transar com corpos ciborgues?

O tesão possui a decolonização da racionalidade exibicionista do trabalho e da cis-heterossexualidade. O desejo pelo corpo ciborgue explicita as contradições do Cistema em que o sexo é restrito a vida privada e que sua finalidade é a reprodução, em que a heterossexualidade é natural e que o desejo é conduzido pelos impulsos naturais. Não são.

Se o desejo não deseja o natural, ele é percebido como produto de uma rede muito mais complexa, construído por referenciais sociais e subjetivos sobretudo não naturais. Essa rede aparece de duas formas: no discurso naturalista como uma espécie de desejo centrado num propósito natural e qualquer desvio é considerado degeneração ou patologia; ou no discurso ciborgue, não-natural, em que reconhece-se o desejo como um produto das relações sociais e das subjetividades em constante caos, sem conseguir encontrar um

ponto de origem desse desejo. No discurso naturalista, o desejo é adestrado assim como o corpo, enquanto no ciborgue, o desejo é uma exploração livre em que aceita-se a constante inconsistência e volatilidade do desejar, entendendo que mesmo ele sendo historicizado nas relações sociais, não pode ser determinado ou identificado com uma origem como pretende a psicanálise freudiana.

Está claro que o desejo também é ciborgue, ele não é conduzido pela natureza, mas sim por um hibridismo entre o que achamos ser a natureza e o social, que conforme aprendemos com Haraway, esse hibridismo na prática é uma ausência de fronteira que faz com que não se seja identificável onde começa a natureza e seu oposto. Sendo assim, o desejo não é identificável como natural, ele é um híbrido de fronteiras indistinguíveis, em que a elaboração da sua origem é mera arbitrariedade discursiva para justificar um agir humano, ou seja, racionalização, que se materializa em nossa sociedade na abstração de racionalidade exibicionista.

Na sociedade cisgênera e de sexualidade generocentrada, o desejo está submetido a esse regime de afetividade. O tesão é adestrado, arbitrariamente, para justificar as manifestações desse tesão e desse desejo. Quando o corpo ciborgue disrupta e causa ruídos nesse ordenamento, a resposta a esse caos costuma ser a violência como forma de preservação desse Cistema. Por isso que sob vigilância, a transfobia é o gozo do exibicionista racional, mas no sigilo, o gozo está no fetiche pelos corpos trans.

Nesse sentido, o tesão pelo corpo ciborgue é o tesão que destroi o desejo pela natureza e reposiciona o desejo na sua potencialidade de não se limitar aos discursos dominantes da cisheterossexualidade ou da sexualidade generocentrada. Dialeticamente, desejando a negação da natureza expressa no corpo ciborgue, recuperamos a natureza do desejo que está enclausurada na compulsão provocada pelos discursos sobre corpo produzidos pelo regime de afetividade da racionalidade exibicionista.

O tesão é uma de nossas armas de disrupção do cistema, pois ele provoca o desejo adestrado, colocando-o face a face com as contradições produzidas na racionalidade exibicionista dos afetos e sexualidades aceitos na linguagem de mundo que o Cistema pretende validar como única possibilidade de afeto e sexualidade. Além disso, sua linguagem caminha muito mais facilmente pelos espaços do que o diálogo e o afeto, outros regimes de política dos corpos mas que são restringidos para evitar contatos políticos entre corpos dissidentes e normativos.

Ciborgues, transgeneros ou transhumanos, não estão presos às limitações imaginativas da binariedade, suas limitações moram na falta de recursos para produzir a si. A construção desse corpo seduz a cisgenereidade, em seu desejo adestrado e enclausurado, onde a racionalidade escapa numa linha de fuga do tesão. Encontramos rotas de fuga e brechas para serem hackeadas dessa falsa natureza humana trágica criada pelo capitalismo e a normatização dos corpos, das mentes e dos afetos. Resta para nós ciborgues entendermos até onde nossa potência pode nos levar para que isso provoque mais o tesão reprimido da cisheterogeneridade compulsória.

Experimentação transhumana no cybercapitalismo, epistemologia ciborgue na práxis e cibersocialismo

Vivemos um momento de crise semântica. As palavras que descreviam o velho mundo não explicam mais tão bem o novo. Pior, as palavras não só não explicam como não mais mobilizam. Mulheres, trabalhadores, socialismo, dentre outras são códigos simbólicos que antes articulavam experiências que se mobilizavam em oposição a algo e hoje possuem um sentido tão difuso e heterogêneo, que não se sabe mais por onde centralizar essas experiências em torno de um projeto de mudança do mundo.

Se a materialidade é as relações de produção da vida que condicionam as possibilidades de existência, a linguagem é a forma pela qual essa materialidade é representada enquanto, dialeticamente, essas representações podem modificar ou reforçar a materialidade a depender da práxis.

A práxis é a interação com as coisas e o processo que isso provoca, modificando as coisas e no processo modificando a si. Nesse sentido, a linguagem, as representações da materialidade, possuem uma práxis. Quando evocadas, elas representam e ao reprentarem, interagem, e ao interagirem transformam a si e o que interagiram. Quando evoco a representação “mulher”, coloco em jogo o seu significado a depender do espaço onde evoco essa representação e esse espaço pode modificar essa representação.

As palavras, portanto, servem para evocar práxis, como quando classe trabalhadora evoca a experiência de viver do trabalho num mundo em que outros não vivem do trabalho. Essas práxis podem servir para articular experiências comuns, possibilitando a formação de um coletivo, de uma comunidade que pode então se articular em torno dessa experiência.

No entanto, quando essas palavras que antes articulavam experiências comuns começam a se pulverizar ao ponto de representar mais experiências diversas do que experiências centralizadas, esses termos, que ganhavam sua força na agregação da experiência, passam a perder sua práxis de construção de um sujeito coletivo e passam a se esvaziar numa atomização que abraça a diversidade das experiências mas mata o florescimento do sujeito coletivo formado em torno de uma experiência comum.

A categoria transgênero tem passado por esse momento. A materialidade apresentada pelo desenvolvimento das forças produtivas e de novas tecnologias de generificação, somadas com a crítica abolicionista de gênero como um produto social produziram novas formas de representação do gênero que acabaram por criar uma diversidade muito maior do que é ser trans hoje e do que já foi ser trans um dia. Em outras palavras, “trans” vive a mesma crise semântica que “mulheres” viveu nas últimas décadas de não mais ser capaz de representar a totalidade das experiências que antes podiam ser representadas pelo transmedicalismo e a noção binária de gênero.

O esforço deste diário até aqui foi de posicionar essa crise semântica e repensar o que essa categoria poderia representar daqui para frente para continuar seu papel original: o de permitir um processo de mudança, de devir contínuo, sem que esse processo tivesse um fim e se assimilasse.

O que quero propor é nos apropriarmos do mito ciborgue, de Donna Haraway, como uma forma de produção de verdade e ficções, uma epistemologia, que consiga abstrair ou criar uma categoria que seja novamente capaz de articular um sujeito coletivo capaz de abraçar a multiplicidade, sendo fortalecida em torno de experiências comuns e que se opõem a uma forma de existência que representa a classe dominante. Essa categoria é o ciborgue ou a quimera.

O ciborgue é capaz de trazer a atenção - recurso tão escasso na era das big techs - para onde o cybercapitalismo nos ataca cotidianamente.

A exploração no capitalismo encontra seus limites na mente e no corpo, portanto ter suas barricadas levantadas, tornar esses intraespaços em políticos, como sempre foram, é a condição essencial para a resistência.

Ao mesmo tempo, o ciborgue aponta para onde estará a disputa da linguagem naquilo que os cibercapitalistas vetorialistas entendem por progresso: o transhumanismo.

A visão pós-humana desses bilionários se produz numa epistemologia oposta à visão do ciborgue. O transhumanismo dos cybercapitalistas é centralizado num ideal transhumano de transcendência da humanidade para uma “raça superior”, ou seja, a negação das limitações humanas na visão daqueles que entendem limitação como ineficiência, incompetência ou ausência de características produtivas. Enquanto o transhumanismo ciborgue é descentralizado, não colocando um tipo ideal de corpo e rejeitando que este deva existir, ele destroi qualquer noção de hierarquização dos corpos e trabalha ativamente para isso. O ciborgue deseja superar a limitação imposta ao desejo, inclusive do desejo improdutivo, do ócio.

Estas formas distintas de entender a mesma palavra por práxis opostas é um processo resultante da cultura transhumana na luta de classes. O transhumanismo dos de cima consiste na concentração dos meios de produção da vida e dos corpos nas mãos privadas, que usam os corpos como ratos de laboratórios para torná-los mais eficientes ao propósito de acumulação do excedente do trabalho nas mãos deles.

O transhumanismo dos de baixo é produto da visão que rompe com essa escassez de modos de produção corporais e da vida. É o socialismo ciborgue, um cibersocialismo, em que os corpos poderão produzir a si próprios através do trabalho que lhes pertence e não mais pertence a um outro que os explora através dos meios que os constroem.

Há, portanto, no mínimo duas formas de experimentação transhumanista: a autoritária que concentra os meios de produção corporais nas mãos de cibercapitalistas bilionários e a libertária ou anárquica socialista, que socializa esses meios de produção para os corpos marginalizados deixarem de ser pacientes-passivos para serem sujeito-ativos na produção de seus corpos e mentes.

Ciborgues são seres marginais, que não possuem os meios de produção de si próprios, mas os adquire através do hackeamento das lógicas do sistema cibernético e fármaco capitalista. A transgereidade é esse primeiro passo rumo a tornar-se agenciamento ativo deixando de ser sujeitos-passivos, colocando-se em devir de processos e relações que nos constroem todos os dias pela higiene, roupas, próteses, fármacos, alimentos e nutrientes, enfim tudo que nos produz extracorporeamente.

A transgenereidade é ciborgue, mas ela precisa despertar para esse papel, para o lugar de que sua potência não está em assimilar-se na cisgenereidade, mas sim em poder constituir-se para além das limitações imaginativas da binariedade e das restrições de recurso do cibercapitalismo.

A consciência de classe ciborgue-trans é a consciência de que o corpo que temos é produto de relações e, portanto, ele nunca é dado como garantido, mas sim como resultado das possibilidades da materialidade e suas contradições dos conflitos em disputa.

A epistemologia ciborgue pode evocar todos os corpos para a consciência de que o corpo, o desejo, a mente, nossa existência são produtos de relações que se fazem e reproduzem todos os dias nas dinâmicas de poder estabelecidas pelo modo de produção da vida. É um despertar contra o fatalismo biologicista do ser humano cibercapitalista fechado em uma possibilidade binária, heterossexual e fadada a viver para ser explorado para produzir ao outro que explora seu tempo e rouba o produto do seu trabalho. O ciborgue pode evocar a práxis da alternativa ao realismo capitalista como definiu Mark Fisher.

A práxis ciborgue também evoca a luta pelas relações que produzem nossa existência, reconhecer-se como um ciborgue é reconhecer-se na linguagem do corpo programado, corpo em mutação e constante produção resultante das forças materiais. Sendo assim, o cibersocialismo é a consequência prática da luta do ciborgue.

Tomar os meios de produção da vida, do corpo e da mente dos transhumanistas cibercapitalistas para transhumanistas ciborgues é uma questão de sobrevivência para corpos ciborgues, uma vez que o desejo de produzir-se é maior do que o desejo de ser produto, mercadoria, programado pelo individualismo de seu dominador e não por si em coletividade.

O cibersocialismo é a libertação dos ciborgues para termos os recursos, ou construímos eles, para que nossos desejos não sejam limitados pela escassez imaginativa ou material que as classes dominantes impõem aos dominados. A possibilidade de inúmeros corpos podendo inventar a si próprios produziria um boom inovativo jamais antes visto, em que o gênero rapidamente perderia sentido e os novos corpos poderiam desenvolver tecnologias e referenciais para além do binarismo e a cisgenereidade, fazendo valer a máxima de Bakunin: “a liberdade do outro estende a minha ao infinito”.

A epistemologia ciborgue é o transhumanismo dos de baixo, dos excluídos, dos que realmente podem elevar o potencial humano para além do binarismo, racismo e purismo que limitam o potencial imaginativo humano hoje contidos pelos cibercapitalistas.

Precisamos continuar hackeando, precisamos continuar construindo nossos corpos e nos apropriando e disputando as relações que nos produzem, precisamos tomar os meios de produzir nossos corpos e quem somos. Precisamos de outras experimentações para além do gênero, não podemos parar os processos de transformação no medicalismo ou na linguagem generificante. A epistemologia ciborgue deve ser uma epistemologia anti-universal, anti-gênero, anti-exploração do trabalho, anti-binarismo e anti-capitalista.

A práxis ciborgue, e a identificação com essa subjetividade coletiva, nos levará à luta pelos nossos **corpos** e vidas na materialidade e nossas **mentes** na linguagem e na virtualidade, ao mesmo tempo que disputa com a classe dominante sua visão de progresso, subvertendo

os signos - símbolos - de transcendência humana para um reposicionamento nas humanidades excluídas como produtoras da nossa liberdade. O movimento ciborgue se fortalece na multiplicidade e diversidade dos corpos, pois sua força está em possibilitar os desejos de se realizarem.

Sejamos ciborgues! Sejamos hackers! Sejamos trans! Ecoem suas vozes ciborgues, ecoem as relações que produzem seus corpos e limitam suas outras possibilidades, não deixe que matem sua criatividade e desejo na escassez forçada. O cibersocialismo é o caminho para termos os meios de produção dos nossos corpos. O cibersocialismo é inevitável quando nos expressamos.

Esse diário é só o início da reflexão de como será a luta de classes num mundo cyberpunk. Fim do diário.

Retome as tecnologias roubadas de nós,

Não deixe-os ter nossos amores e corpos.